



200 ANOS INDEPENDÊNCIA

COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR

ANTOLOGIA ESCOLAR
2022



COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR

ANTOLOGIA ESCOLAR 2022

**COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR
ANTOLOGIA ESCOLAR – 2022**

Comandante e Diretor de Ensino
Coronel Infantaria QEMA José Fernandes **Carneiro** dos Santos Filho

Subcomandante de Ensino
Coronel Infantaria **Wagner** Pinheiro de Barros

Subdiretor e Chefe da Divisão de Ensino
Tenente-Coronel QCO Gilberto **Renganeschi** da Silva

Comandante do Corpo de Alunos
Major **Fábio Sampaio** Ferreira

Digitação:
Professores e alunos do
6º, 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e
1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio.

Diagramação:
Professora Simone Miranda Bastos

Organização, seleção e revisão dos textos:
Professora Dra. Esmeralda Barbosa Cravançola

Colégio Militar de Salvador
Rua das Hortênsias, s/nº - Pituba
Fone: (71) 3205-8805
<http://www.cmsalvador.eb.mil.br>
e-mail: ava@cmsalvador.eb.mil.br
ISBN: 1948-2

Professores de Língua Portuguesa – 2022

Ensino Fundamental:

6º ano

Tenente Ana Carolina Constâncio Cunha de Araújo Vidal

7º ano

Professora Lidiane Conceição Morais Silva
Major Cinthia Maria da Fontoura Messias
Tenente Renata da Silva Macambyra Ferreira

8º ano

Tenente Liliane Silva de Aquino
Tenente Juliana Andrade de Moraes

9º ano

Professora Dannuza Labanca Brandão Visintainer
Professora Maria Lúcia Barreto de Almeida

Ensino Médio:

1º ano

Tenente-Coronel R/1 QCO Aline Cristina de Araújo
Professora Ana Telma Miranda do Espírito Santo

2º ano

Professora Luciana Santos de Oliveira

3º ano

Professora Esmeralda Barbosa Cravançola
Tenente Iuri Santos Ferreira da Silva

Responsável pela Antologia:

Professora Esmeralda Barbosa Cravançola

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	11
APRESENTAÇÃO	12
O nobre cadinho de leitores	15
TEXTOS VENCEDORES E PARTICIPANTES EM CONCURSOS LITERÁRIOS	18
CONCURSO ANIVERSÁRIO DO CMS 2022	19
Meu querido CMS	20
O verdadeiro significado do CMS.....	22
Ao querido diário, de Emanuelle	23
Sonho do Sete de Setembro	25
Em casa, no nobre cadinho.....	27
Eu e o CMS	29
Lugar garança.....	31
Do CMS rumo ao futuro.....	33
CMS.....	35
CMS é vida	37
Minha jornada	39
De lembrança em lembrança se constitui uma vida de aprendizado	41
Concurso CMS - Bicentenário da Independência do Brasil.....	43
Apresentar-me-ei novamente	44
Duzentos anos de independência.....	48
Nosso Brasil, nosso povo varonil	50

XII Concurso de Redação da CGU - “Conversando a gente se entende”	51
Tinha tudo para ser um dia perfeito	52
As pessoas têm que aprender	53
O aluno novo	54
Se entenda	55
Conversar não dói	56
Decrépitos lírios azuis meus	58
Modernidade	59
VII Concurso de Redação da DPU - “Prato feito: alimentação de qualidade é sinal de dignidade”	60
A fome é terrível	61
Programa de Leitura - LiteraCMS	62
Mil e uma(s) vida(s)	63
CMS no combate ao mosquito	66
Templo de mim	67
Meu coração está vazio	67
Ao longe	68
Distância	68
Porque às vezes há esse cansaço	69
Hermes	70
Clichês para logo mais	71
Cabe no poema	71
Domingo no litoral	72

Correr salva vidas.....	73
Livros: a receita para a humanidade.....	74
Um convite para o presente	75
TEXTOS ALUSIVOS.....	76
Dia das mães.....	77
Dia dos pais.....	78
Dia do aluno.....	79
6º ANO	80
O corvo e o elefante	81
O gato José Bondoso.....	82
A borboleta.....	83
O porco e o lobo	84
A lenda da chuva.....	85
O primeiro peixinho dourado	86
Conversando a gente se entende	87
Diga, para que brigar?.....	88
7º ANO	89
Com a mão no volante, sem medo de se aventurar.....	90
A tumba de ouro.....	91
O Capitão e o Milk Hand	92
A aventura de Kaleb.....	93
A aventura na floresta	94
Em busca do oásis.....	95

Stut e os lenhadores	96
Abrindo portas para o crime.....	97
Mais uma pista.....	98
O alerta dos robôs	99
Aviso do futuro	100
Novo mundo	101
Uma viagem no tempo	102
Ao caro August, de Maria Luísa	103
Ao caro Jack, de Helena Braga Bonfim	104
A Paulo Sérgio Fernandes, de Paulo Guilherme	105
Ao caro Paulo Sérgio Fernandes, de Yasmin Mascarenhas	106
8º ANO	107
Nomes de profissões.....	108
O taxista desconfiado	110
Escolha de vida	111
O herói com uma caneta	112
Dia dos professores.....	113
Direito e deveres.....	114
9º ANO	115
Ó, vício	116
Efemeridade.....	117
Recurso precioso.....	118
O tempo escoá	119

Era uma vez um tempo	120
O diamante do tempo.....	121
Ode ao diamante do Nordeste	122
Pedra ambulante	123
O pequeno grande príncipe	124
A angústia do viver	126
Da sábia ingenuidade da infância	128
Paixão ou obsessão?	130
Acabou	132
Estamos diante de nossos melhores anos	133
1º ANO	136
Prato feito: questão de dignidade	137
Bate-bola.....	139
A solução.....	140
O valor das palavras.....	141
Por melhores leitores e profissionais	142
Os benefícios literários	143
Ferramenta para o sucesso.....	146
2º ANO	147
Ismália	148
Estela.....	149
Ismália: releitura	150
Ismália 2.0	151

Maria.....	152
Celeste	153
Francisco	154
Inesquecível Ismália.....	155
Lásimia	156
Rose	157
Estoura e Permanece –	158
Manso alvoroço –	158
Sob tua direção –	159
Envelhecer	160
3º ANO	166
Inclusão digital	167
O dizer de um, precisa ser acionado pelo dizer do outro	169
Por um mundo sustentável.....	170
Educação para o desenvolvimento do país	172
Problemas de mobilidade urbana no Brasil.....	174
Tudo em excesso faz mal	175
Go vegan!? Por que não?.....	176
TEXTO DE DESPEDIDA DO CORONEL ALUNO.....	178
O fim de uma guerra.....	179

OBSERVAÇÃO

Os textos seleccionados e apresentados não refletem necessariamente o pensamento do CMS e são de inteira responsabilidade dos autores.

AGRADECIMENTOS

A *Deus*, pelo milagre da nossa existência.

Ao *Comandante do Colégio Militar de Salvador*, pelo labor obstinado em favor de uma educação com valor.

Ao *Subcomandante*, pela dedicação ao cumprir as missões.

Ao *Subdiretor de Ensino*, pela constância de uma camaradagem admirável e imprescindível.

À *Seção de Supervisão Escolar*, pela compreensão e orientação decisiva nas atribuições.

Ao *Corpo de Alunos*, pelo auxílio em todas as ocasiões necessárias.

À *Seção Psicopedagógica*, pelo trabalho permanente em busca de nosso equilíbrio.

Ao *Seção de Apoio Pedagógico* e à *Seção de Atendimento Educacional Especializado*, pelos processos de ensino e aprendizagem tão bem sucedidos.

À *Seção Técnica de Ensino*, pelo apoio nas confecções das avaliações.

Aos *Mestres*, que se eternizam em cada ser que eles educam.

Aos *Monitores e aos demais membros do Colégio*, pelo cuidado com a conduta e o comportamento dos alunos.

À *Associação de Pais e Mestres*, pelo modelo exemplar e surpreendente de atuação e parceria.

Às *mães, aos pais e aos responsáveis*, pela confiança no Colégio Militar de Salvador.

APRESENTAÇÃO

*“Uma didática da invenção”
O rio que fazia uma volta
atrás da nossa casa
era a imagem de um vidro mole...*

*Passou um homem e disse:
Essa volta que o rio faz...
se chama enseada...*

*Não era mais a imagem de uma
cobra de vidro
que fazia uma volta atrás da casa.
Era uma enseada.
Acho que o nome empobreceu a
imagem.
Manoel de Barros*

2022 foi um ano de recomeços e de novos aprendizados. Todos nós estávamos ansiosos para um regresso ao que costumamos chamar de vida normal. E na vida normal do Colégio Militar de Salvador, a escrita é uma porção dos nossos dias. Produzir textos, de forma criativa, levou a todos no nobre cadinho a uma didática de invenção.

A participação em concursos literários continuou intensa. Por mais um ano, tivemos o *Concurso de Aniversário do CMS*. Dessa vez, contando também com a participação dos professores, que apresentaram em palavras suas vivências nesse ambiente que se faz rio. O *Concurso do Bicentenário da Independência do Brasil* foi outro grande sucesso organizado pelo Colégio, que nos brindou com uma carta e dois poemas vencedores.

Mais dois concursos nacionais importantes contaram com a participação de nossos alunos, o XII Concurso de Redação da CGU (Controladoria-Geral da União) – com o tema “Conversando a gente se entende” – e o VII Concurso de Redação da DPU (Defensoria

Pública da União) – “Prato feito: alimentação de qualidade é sinal de dignidade”. Os dois temas foram amplamente divulgados e discutidos em sala de aula, o que proporcionou o traçado de linhas com excelentes atributos.

A novidade dessa antologia fica a cargo das produções artísticas daqueles a quem chamamos nosso “Corpo Permanente”, ou seja, os funcionários do Colégio, desde os professores até os membros que fazem parte da gestão e das demais seções. No Programa de Leitura - LiteraCMS, muitos foram os que se arriscaram a ver a “imagem de um vidro mole” e se aventuraram nos caminhos da poesia e da prosa poética.

Os textos alusivos não poderiam deixar de fazer parte desse compilado, com homenagens às mães, aos pais e aos alunos desse recinto sagrado.

As produções do ensino fundamental estão repletas de aventuras, de ensinamentos, de viagens no tempo, de reflexões sobre personagens de grandes obras da literatura universal. A começar pelas composições mais engraçadas, passando por aquelas que nos levam a pensar o que faz de nós seres especiais, o encontro com as mais diversas obras produz no leitor um encantamento singular.

Com o ensino médio não foi diferente. Mesmo que eles tenham que elaborar dissertações argumentativas na maioria do tempo – às vezes, transformando o conhecimento em enseada –, a nossa juventude nos alegra quando nos proporciona o contato com ideias tão críticas e reflexivas sobre a realidade que nos cerca, bem como podem impressionar ao criar releituras de clássicos da poesia brasileira ou ainda um conto enigmático.

O Coronel-Aluno, com grande sabedoria, escreveu no seu texto de despedida, ao término do ano escolar, que “não foi o saber que nos tornou fortes, que traçou nosso caminho à glória, foram nossos corações”. Penso que ele, assim como muitos de nós, descobriu que a jornada se faz com imagens que ultrapassam a lógica.

E para descortinar esse mundo de magia, a 1ª Ten Renata nos presenteia com seu assertivo artigo sobre a importância da

existência dos clubes de leitura. Uma grata contribuição que ilumina a nossa trajetória pelo mundo da literatura.

Sigamos juntos, dando valor às pequenas aprendizagens e reinventando os sentidos pré-estabelecidos. Boa leitura!

Prof. Dra. Esmeralda Barbosa Cravançola

O nobre cadinho de leitores

A palavra que define o ano de 2022 é *reencontro*. Depois de dois anos de isolamento social, o Colégio Militar de Salvador retomou plenamente suas atividades presenciais, possibilitando trocas infinitamente mais intensas que aquelas mediadas pelo ambiente virtual. Nesse contexto, reavivou-se o *Clube Literário do Ensino Médio*, que havia brotado em 2019 pelas mãos fecundas da Professora Esmeralda Cravançola e que, em 2020 e 2021, reinventou-se por meio de novas tramas virtuais de compartilhamento de leituras, tornando-se uma poderosa estratégia de socialização. Com a retomada dos contatos presenciais e dos tão necessários encontros com o outro, o clube ressurgiu convicto de sua missão de estimular o hábito de leitura crítica entre os alunos, fortalecendo neles o laço de pertencimento a uma comunidade leitora.

Os clubes de leitura, grupos de pessoas reunidas com o objetivo de compartilhar suas experiências leitoras, remontam à cultura iluminista do século XVIII. Inicialmente restrita à nobreza, a prática atravessou o tempo e hoje em dia tem, cada vez mais, expandido seu público conforme a ferramenta da leitura se torna mais acessível à população. Nesse sentido, o papel da escola de fomentar essas atividades é fundamental para formar leitores desde o nascedouro. Nos clubes, é possível saborear a leitura sem algumas das limitações impostas pela sala de aula, como a necessidade de seguir à risca o ritmo acelerado do currículo.

São muitos os registros que atestam a importância pragmática da leitura na vida de uma pessoa: o incremento da competência escritora, o aumento do vocabulário, a melhora na capacidade de argumentação, o desenvolvimento do pensamento crítico, dentre outros. No entanto, como num *iceberg*, para além daquilo que se vê e que se mede com indicadores e estatísticas, é na alma que o hábito de ler se enraíza como uma via de acesso às complexidades da vida. A leitura não transforma o mundo, transforma *um* mundo, e esse impacto, como onda, vai espalhando ventos de mudança. Os verdadeiros frutos da leitura são, portanto, intangíveis, já que, por

detrás do cidadão e do profissional que lê, temos um ser humano capaz de trabalhar, dentro de si, a possibilidade de um mundo melhor, com uma imaginação poderosamente trabalhada por autores que, com sua arte, os tiram da mediocridade do meio em que vivem. Os livros são alavancas para o autoconhecimento e, como eles, aprendemos a ser, como diz o baiano Caetano Veloso, “gente viva, brilhando nas estrelas da noite”.

Os clubes de leitura potencializam esses encontros porque, além de externar nossas perspectivas, podemos escutar as múltiplas vozes que delas emergem, aquelas que, no ruído de nossas conversas com os personagens, deixamos escapar. Conhecendo outras interpretações, podemos recuperar os aprendizados que não fomos capazes de construir sozinhos. Os clubes promovem, portanto, dois, três, infinitos diálogos que se desdobram para além do momento do encontro.

Nesse ano, os alunos do ensino médio descortinaram os limites morais de uma sociedade cega, com *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago. Com *Declínio de um homem*, de Osamu Dazai, a mente de Yozo tornou possível a incômoda compreensão dos desajustados. Em *Luanda, Lisboa, Paraíso*, de Djaimilia Pereira de Almeida, a busca malsucedida de Cartola por um lugar no mundo revelou a condição de não-pertencimento do imigrante. Encontrar com os jovens em *Na Estrada Jellicoe*, de Melina Marchetta, trouxe leveza às discussões do grupo, diferente de *Contos morais*, de J. M. Coetzee, que convidou seus jovens leitores a uma análise profunda de nossas mazelas recônditas. Em *Assim na terra como embaixo da terra*, de Ana Paula Maia, os personagens experienciam injustiças que merecem ser debatidas, e, por fim, fechando o ciclo de leitura de 2022, os leitores se depararam com o jovem Yu-jin, que tenta desvendar mistérios no *thriller* psicológico *O bom filho*, de You-Jeong Joeng, a “Stephen King” coreana.

Também tiveram início as atividades do *Clube Literário do Ensino Fundamental*, dividido em ciclos conduzidos pelas professoras 1º Ten Ana Carolina e 1º Ten Liliane Aquino que, espontaneamente, abraçaram a missão de germinar a experiência dos clubes de leitura entre os leitores neófitos. Ao longo dos encontros, as crianças do 6º

e 7º anos “viajaram” para o Theatro José de Alencar para assistir aos atos do espetáculo de Anabela em *A bailarina fantasma*, de Socorro Aciolly. Com *Dima, o passarinho que criou o mundo*, de Zetho Cunha Gonçalves, leram contos cantados por passarinhos de diversos países falantes da língua portuguesa. Em *O pequeno príncipe*, de Antoine Saint-Exupéry, os alunos revisitaram um clássico que realça o poder da amizade. No 8º e 9º anos, a crítica social de George Orwell em *Fazenda dos animais* ecoou entre nossos jovens leitores, que também puderam experimentar a astúcia narrativa de Agatha Christie em *Um mistério no Caribe*.

Esse mergulho de nossos alunos em outras vivências possibilita que, em alguma linha daquelas tantas linhas, entre ditos e não ditos, eles descubram um pedaço da humanidade escondido neles mesmos. À medida que se reconhecem ou não na vida de um personagem que vive em outro tempo e espaço, encontram uma essência em comum, fazendo desabrochar o universal do particular. É isso que acontece quando fechamos um livro de que gostamos: conhecemos um pouco mais sobre nós mesmos. Decerto, os participantes dos nossos Clubes de Leitura, inseridos num mundo maior, que os livros lhes apresentaram, enriqueceram suas bagagens intelectuais e afetivas e estão mais preparados – não em relação a outros, mas a si mesmos, como seres em construção – para a viagem da vida, que fica mais bonita por causa dos encontros que a leitura nos dá.

1ª Ten Renata

**TEXTOS VENCEDORES E PARTICIPANTES EM CONCURSOS
LITERÁRIOS**

CONCURSO ANIVERSÁRIO DO CMS 2022

Meu querido CMS

Ao entrar pela primeira vez
no nobre cadinho,
quis logo marchar
com a farda e o saltinho.

Ao usar a boina garança,
lembro-me dos meus sonhos de criança:
ingressar no Colégio Militar
com dedicação e esperança.

O CMS é mais do que eu esperava:
uma verdadeira família
de grande valia
que eu não imaginava!

Educação com valor,
um exemplo tradicional
de que o Colégio Militar
é realmente especial!

“Alunos, sentido!”
O Comandante diz
com muito orgulho
para cada aprendiz.

Brasil acima de tudo,
é o que costumamos falar.
Numa escola patriota,
pelo país iremos marchar.

E o nosso mascote?
Não poderia esquecer:
o famoso Nicodemos
nos representa com prazer.

Muitas histórias e memórias
do meu querido CMS,
porque colégio bom de verdade
a gente nunca esquece!

1º lugar - Ensino Fundamental (6º/7º anos)
Aluna 4976 - Luiza Morbeck - Turma 701
Professora orientadora - Maj Cinthia Messias

O verdadeiro significado do CMS

Viva o CMS!

Minha estrada do saber,
cumprindo sua missão,
mantendo-se firme em seu dever.

Tantos anos se passaram,
a lição aprendida,
vitórias conquistadas
e amigos para toda a vida.

Esse é o Colégio Militar,
com muito esforço adentrei,
tantas virtudes e qualidades
não vistas por onde antes andei.

Feliz aniversário, nobre cadinho!

65 anos de história
da qual me honra participar.
Sei que terei boas memórias,
que para a vida irei levar.

2º lugar - Ensino Fundamental (6º/7º anos)

Aluno 4986 - Maggitti - Turma 702

Professora orientadora - Lidiane C. Morais Silva

Salvador, 19/03/2022

Querido diário,

Hoje faz exatamente 1 mês e 18 dias que estudo no Colégio Militar de Salvador (sim, eu conto!) e vem sendo uma experiência incrível! Sinto que não poderia estar em um lugar melhor! Já no primeiro dia, não só me acolheram, como acolheram todos os novos alunos super bem. Todo mundo é educado, gentil e simpático, virei amiga de várias pessoas em um só dia.

Durante a primeira semana, nós tivemos algo que chamam de “semana zero”, feita para nos familiarizarmos com a escola e com os professores. Nesse período, nós usávamos o uniforme “cotonete”, blusa branca e calça jeans. Quando fomos liberados para usar o abrigo, foi uma alegria só. E essa alegria se tornou maior ainda no dia da entrega da boina.

Sinceramente, que dia perfeito!

A cerimônia é feita para nos tornarmos oficialmente parte da família garança. Foi muito legal, muito mesmo. Depois, começamos a usar os uniformes tradicionais, cada um mais bonito que o outro. Os professores são divertidos! Nos explicam a matéria e ainda sobra tempo para umas risadinhas. Os monitores também! Falam para onde devemos ir, qual uniforme usar e ainda interagem conosco.

Já começaram as provas e, até agora, estou indo muito bem. Tenho minha rotina de estudos: volto da escola, guardo as minhas coisas e tomo banho. Quando vou almoçar já são 14h. Começo meus estudos às 15h e termino por volta das 18h. Entre esses horários também tiro dúvidas de quem precisa, se possível. Depois, faço o que gosto e vou dormir. Assim, consigo descansar e fazer tudo que é necessário.

Também temos diversos esportes na Educação Física e já visitamos o laboratório de Ciências, o que foi sensacional! Não posso deixar de citar o quanto as aulas de Arte são boas. Nós pintamos, desenhamos e esculpimos ouvindo música e, além do mais, fazemos tudo isso comendo chocolate! Incrível, não?!

Mas enfim, gostaria de falar: lutei muito para estudar nesse colégio, muito mesmo. Não tenho palavras para descrever o quanto estou feliz estudando no CMS. Foram muitas batalhas, cada uma delas valeu a pena e sei que vão valer ainda mais. Eu não poderia estar mais feliz!

Emanuelle

3º lugar - Ensino Fundamental (6º/7º anos)
Aluna 5127 - Emanuelle Cintra - Turma 603
Professora orientadora - 1º Ten Ana Carolina

Sonho do Sete de Setembro

Certo dia, eu estava folheando um álbum de fotos de família e acabei lembrando um dos costumes da minha infância. Quando eu era criança, os meus pais idealizaram a tradição de ir todos os anos comigo assistir ao desfile de Sete de Setembro. Esse evento ocorria na Avenida Sete, no centro da cidade, e atraía milhares de soteropolitanos.

O meu pai trabalhava durante a madrugada, então chegava em casa exausto e com o corpo e a mente esgotados. Contudo, sempre fez questão de me levar para contemplar o desfile que marca o dia da Independência do Brasil, em Salvador. Percorríamos toda a avenida em busca de uma boa posição para admirar o desfile dos militares e oficiais do Exército. Meu pai colocava-me sentada sobre os seus ombros e, assim, nós apreciávamos, junto à multidão de espectadores, a passagem dos tanques, viaturas, caminhões e motocicletas. Aquilo me fascinava, e todos os anos, sem falta, meu pai dizia: “Um dia, você desfilará no Sete de Setembro como oficial”.

Naquele momento, isso me parecia um sonho distante e irreal e, de certa forma, a ideia de ser militar me assustava, pois eu ainda não tinha noção do que realmente significava. Porém, gradualmente, essa se tornou a minha meta e eu estava decidida a me esforçar ao máximo para conquistá-la. Foi então que eu passei no concurso do Colégio Militar de Salvador e comecei a estudar nesse nobre cadinho. Aqui um milhão de possibilidades se estenderam no horizonte e o meu sonho se tornou realidade. Em 2019, eu desfilei no Sete de Setembro, não como militar, mas como aluna. Foi indescritível a sensação de representar tal instituição e poder constatar o brilho e o orgulho nos olhos do meu pai.

Enquanto marchava ao lado dos meus colegas, cantando as canções do Colégio, só conseguia sentir felicidade e emoção. Eu tinha conseguido! Finalmente estava ali, não mais como espectadora, mas sim fazendo parte efetivamente dessa data tão marcante para os brasileiros. Ao final do desfile, quando saímos da Avenida Sete e chegamos à Ladeira da Misericórdia, embora exausta e com os pés cheios de calos, eu estava extremamente realizada.

Esse desfile foi um marco em minha vida. Nele, eu finalmente me consolidei como aluna do Colégio Militar e solidifiquei o sentimento de pertencimento à família garança. O desfile de Sete de Setembro, realmente, me fez lembrar dos dias em que eu nem imaginava que conseguiria chegar até ali, quando eu era apenas uma menininha sonhadora sentada sobre os ombros do pai. Hoje, me recordo do passado com amor e ternura e o tomo como inspiração para o futuro.

1º lugar - Ensino Fundamental (8º/9º anos)
Aluna 4633 - Louise Simões - Turma 904
Professora orientadora - Lúcia Barreto

Em casa, no nobre cadinho

Quis o destino que, da janela do meu quarto, eu avistasse e admirasse o Colégio Militar de Salvador, com sua estrutura imponente e seus brados vitoriosos. Morando, desde sempre, no bairro da Pituba, mais precisamente vizinho ao prédio da Rua das Hortênsias, não poderia prever, na primeira infância, que, aos oito anos de idade, faria um pedido a meus pais que mudaria toda a minha trajetória de vida: estudar no CMS. Surpresos, naquele instante, com tamanha certeza de propósitos, eles deram todo o suporte necessário para que eu enfrentasse com êxito a batalha de ser aprovado no concorrido concurso de ingresso. Uma vitória que era apenas a primeira de muitas que essa instituição pode proporcionar.

Lembro-me, com carinho, da primeira Olimpíada do Conhecimento de que participei, a Canguru de Matemática, em 2019. No dia da prova, eu estava bastante nervoso. Conforme as horas foram passando, eu conseguia sentir meu coração palpitando. Era um misto de ansiedade e medo, pois era a minha primeira competição e eu não sabia o que esperar. Quando a prova estava em minha mesa, fui percebendo que sabia fazer as questões e não havia motivo para ficar nervoso. Saí da sala confiante que tinha ido bem e, quando saiu o resultado, vi que tinha ganhado uma medalha de ouro. Consigo lembrar como se fosse ontem o quão gratificante foi ter o esforço reconhecido e como isso me estimulou a continuar nesse caminho.

Nos esportes não foi diferente e, sempre que entrava em quadra representando a família garança, buscava superar meus limites, valorizando o trabalho em equipe. E como vibrávamos a cada partida vencida! Guardo ainda lembranças singulares das ações sociais de que participei. Recordo-me de, recentemente, mobilizar vizinhos e amigos na coleta de doações para as vítimas das chuvas no sul da Bahia. Isso fez com que eu me apaixonasse ainda mais pelo Colégio, pois percebi que, além de ter corpo funcional excelente e um ensino impecável, estimulava à solidariedade com aqueles que precisavam.

E lá se vão sessenta e cinco anos formando cidadãos que valorizam sua pátria e estão prontos para contribuir com seus conhecimentos e valores para o progresso do Brasil. Parabéns, Colégio Militar de Salvador! Sinto que evoluí muito desde a primeira vez que adentrei as dependências do nobre cadinho, ainda como “cotonete”, apreensivo em conhecer um novo mundo escolar, pautado nos valores militares, uma oportunidade ímpar. Hoje eu caminho seguro, sou parte dessa comunidade estudantil e sei que contribuo dando o melhor de mim. E, nas palavras da canção do CMS, tenho muito orgulho de fazer parte dessa “mocidade gloriosa, altaneira, galardão de um país varonil, cultuando a sagrada bandeira para a glória do Brasil”.

2º lugar - Ensino Fundamental (8º/9º anos)

Aluno 4612 - Mateus Cintra - Turma 902

Professora orientadora - Lúcia Barreto

Eu e o CMS

CMS entrou em minha vida muito antes de eu entrar na vida do CMS. Desde o terceiro ano do ensino fundamental, eu já queria ingressar nessa instituição e estudei muito para conseguir alcançar esse objetivo. Sempre recebi muitos estímulos da minha família para realizar o concurso, pois meus primos e tios haviam estudado no CMS e constantemente falavam muito bem de lá.

Após fazer o exame, senti que o Colégio seria parte de mim, no entanto, a maior emoção foi quando o resultado das provas foi publicado. Ao entrar no “recinto sagrado”, ainda como “cotonete”, aprendi a marchar, a fazer ordem unida, a cantar os principais hinos da nossa pátria, entre outras coisas. Eu estava muito empolgado, porém, infelizmente, logo após a cerimônia de entrega da boina, o mundo foi acometido pela pandemia da COVID-19, impossibilitando que eu continuasse frequentando as aulas presenciais, porque foram suspensas. Mesmo assim, fiz amigos e consegui estudar.

Apesar de as aulas serem ministradas a distância, me foram proporcionados alguns privilégios. Logo eu me afeiçoei às matérias nas quais antes eu não tinha interesse, participei de clubes e muitas outras atividades. Entretanto, o que eu mais desejava era voltar a frequentar o nobre cadinho, fato que ocorreu com o fim dos estudos remotos.

Eu descobri que o Colégio tinha eventos muito divertidos como as olimpíadas e os campeonatos internos, que me trouxeram novas experiências e amizades, além da oportunidade de vivenciar e participar dos trabalhos em equipe. Destaco, ainda, o sistema de meritocracia que é utilizado pelos Colégios Militares do Brasil como uma ferramenta muito interessante, pois estimula os alunos a se empenharem da melhor forma possível, o que, como consequência, contribui para a aquisição de notas altas, afinal, na vida é preciso muito esforço para conseguirmos o sucesso.

Por fim, posso afirmar que o Colégio Militar de Salvador é um lugar onde é possível fazer amigos, aprender conteúdos disciplinares e, ainda, vivenciar novas experiências. Para mim, ele é muito mais que apenas um estabelecimento de ensino, é a minha segunda casa.

Todo o aprendizado proporcionado por essa instituição será muito importante para o meu futuro. A minha experiência no CMS foi, é e sempre será muito gratificante.

3º lugar - Ensino Fundamental (8º/9º anos)

Aluno 4782 - Sérgio Bittencourt - Turma 802

Professora orientadora - 2º Ten Liliane Aquino

Lugar garança

O Colégio Militar de Salvador é associado a uma educação de qualidade, destacando o estudante na sociedade como detentor não só de conhecimentos, mas também de valores. Contudo, além de disciplina, dever e respeito, que moldam o nosso caráter, e de laços duradouros de amizade, recebemos também oportunidades, e são elas que me motivam a vestir a boina garança todos os dias.

Ao rememorar cinco anos atrás, adentrando os portões do Colégio pela primeira vez, percebo o quanto essa instituição contribuiu para minha formação e meu amadurecimento acadêmico e pessoal por meio do contato com pessoas nascidas de dissímeis lugares deste vasto país, perpassando pela enriquecedora orientação dos docentes, até a valorização das virtudes morais, regras e princípios.

Tive acesso a experiências que me engrandeceram demais no Colégio: a participação em Olimpíadas do Conhecimento de diversas matérias, que promoveram meu interesse em distintos assuntos e disciplinas; a Feira Cultural, que me ensinou a trabalhar coletivamente; as Eletivas, que permitiram aprimorar minha proficiência em línguas estrangeiras, uma vez que cursei espanhol e inglês; as aulas de Robótica e Matemática, a prática de esportes; os Clubes Literário e de História, que me incentivam a ler, pensar e agir; e tantos outros momentos que me tornaram, sem dúvida, uma pessoa melhor.

Do concurso de admissão até o segundo ano do ensino médio, a caminhada foi extensa, por vezes, cansativa, mas, sobretudo, recompensadora. O Colégio Militar de Salvador contribuiu para o meu crescimento e me proporcionou aprendizagens significativas. Espero poder continuar a história de excelência que o sistema Colégio Militar possui enquanto integro-me a um futuro promissor, orgulhando-me de vestir a farda, que reflete as batalhas e as conquistas vivenciadas no nosso lugar, ao qual pertencemos, no qual nos relacionamos e nos identificamos.

1º lugar - Ensino Médio

Aluna 4323 - Luísa Vilar - Turma 203

Professora orientadora - Luciana Oliveira

Do CMS rumo ao futuro

Lembro-me perfeitamente da paisagem da manhã, em 2016, quando adentrei o Colégio Militar de Salvador pela primeira vez, depois de ter sido aprovada pelo concurso de admissão. Naquele quente dia de janeiro, minha alma borbulhava de ansiedade com o futuro da minha vida no CMS. Desde então, sete anos se passaram, cheguei à última etapa do ensino médio, e agora essa jornada está no fim. Depois desse longo período como aluna, consigo identificar tal instituição como o lugar em que sonhei, amadureci e tornei-me a mais verdadeira versão de mim mesma.

Primeiro, é preciso salientar que quando comecei a estudar no CMS, com 12 anos de idade, eu não sabia quem eu era. Naquele momento da minha mocidade, eu ainda estava começando a entender o mundo e a mim mesma, e o nobre cadinho teve um papel importantíssimo nessa descoberta. Isso se deu, não somente pelas aulas, mas pela comunidade de alunos, monitores e docentes que encontrei e conheci. Os meus colegas não eram iguais aos que eu tivera antes: eles tinham nascido e vivido em diferentes partes do Brasil, usavam gírias e sotaques variados e criaram, com o passar dos anos, um senso de unidade que me acolheu. Além deles, houve os monitores que, apesar de só ficarem no Colégio por no máximo cinco anos, cuidaram de mim quando eu precisei e estabeleceram amizades que estimo até hoje. Por fim, mas não menos importante, os professores que, em sua maioria, me incentivaram a me desafiar e a me melhorar a cada dia.

Segundo, é necessário explicitar que meus momentos favoritos no Colégio e os que mais me impactaram foram os ligados a projetos extracurriculares. Começou com o Grêmio da Aeronáutica que me batizou com um jato d'água direto de um caminhão de combate ao incêndio, porém houve mais. No nono ano, eu entrei para o Clube de Relações Internacionais (CRI) e nele atingi o ápice da minha identidade, através de eventos nos quais pratiquei minha liderança e oratória, desenvolvi algumas das características que mais gosto em mim e fiz amigos para a vida. Esse Clube me levou a âmbitos internacionais, permitindo que eu conhecesse pessoas do Brasil

afora, me estimulou a criar e a me engajar em projetos relacionados à liderança e a debates, contudo, o mais importante: me deu um rumo, mesmo nos anos de pandemia. Por conta do CRI, entendi melhor a ordem mundial em que vivo, recebi premiações que melhoraram meu currículo escolar e encontrei uma família. Essas experiências tornaram a jornada mais doce e feliz.

Finalmente, depois de tudo já citado, posso afirmar que, vivenciando o último ano escolar, tenho uma identidade formada e personalidade única. Através do Colégio Militar de Salvador, me tornei um indivíduo que sabe falar e se portar em público; entende e defende os direitos que possui como mulher e cidadã; quer melhorar a sociedade em que vive; aprecia, cuida e é grata às pessoas que estão ao seu lado. Assim, espero que a menina que entrou no CMS cheia de sonhos tenha orgulho da mulher que, em poucos meses, marchará dos portões desta nobre instituição para conquistar o mundo.

2º lugar - Ensino Médio

Aluna 4221 - Guttmann - Turma 302

Professora orientadora - Esmeralda B. Cravanzola

CMS

CMS - Colégio Militar de Salvador. Três palavras que unidas possuem um grande ar de potência e que são capazes até de assustar alguns. No entanto, a realidade não é tão assustadora como se pode imaginar. Todos os alunos que aqui frequentam têm consciência da responsabilidade que carregam ao usar a farda e de perpetuar o título da grande instituição de ensino. A verdade é que o CMS é muito mais do que a sua fama. Não é um colégio construído apenas através de seu nome, mas pelas histórias que proporciona e relações que constrói.

Particularmente falando, a forma como fui apresentada ao Colégio pode ter sido um pouco diferente dos demais. Tenho familiares que estudaram nessa mesma instituição e cresci vendo-os todo dia adentrando estes portões. Eu queria ser como eles, me sentir mais próxima e pertencer àquela parte de minha família da qual, por muitas vezes, me senti desconectada, principalmente pela diferença de idade. Depois que entrei no Colégio, não só me tornei parte desse grupo, como ganhei algo muito maior: a participação no meu segundo grupo, na minha segunda família. A família que conheci aqui, a que escolhi para mim, da qual não sabia que precisava até ter e que, independentemente dos laços sanguíneos, me acolhem tanto quanto a de sangue.

Pode até soar clichê, mas o CMS não é como os outros. E com “outros” eu não me restrinjo apenas às escolas, mas aos ambientes de aprendizagem em geral. A maioria deles têm a preocupação de formar, somente, estudantes e não pessoas capazes e preparadas para o mundo, afirmação essa que não posso aplicar aqui. Para mim, falar em público não era a mais simples das atividades e, mesmo assim, já fui escolhida para comandar o ano. Não foi uma tarefa fácil, pois, por muitas vezes, isso me gerou um nervosismo tremendo que venho superando, graças ao Colégio. Todos os valores e princípios fundamentais pregados, como liderança e companheirismo, mesmo que “simples”, são indispensáveis, e quando mais precisei deles, foi quando esses ensinamentos estiveram presentes.

O Colégio, em todas as suas particularidades e desdobramentos, tem uma participação essencial na minha vida. Nesses seis anos, tenho levado comigo os valores e aprendizagens, os amigos e a família, o conhecimento e o respeito. E posso afirmar que a pessoa que eu sou, e para sempre serei, carregará uma parte do CMS a cada passo da longa jornada que ainda terei de trilhar. Afinal, a boina que um dia recebi, jamais sairá de mim.

3º lugar - Ensino Médio

Aluna 4328 - Clara Viterbo - Turma 204

Professora orientadora - Luciana Oliveira

CMS é vida

O educador baiano Anísio Teixeira diz que "Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra." Quando se educa uma pessoa, trazemo-la a um novo nascimento, uma vida em que o indivíduo conhece a história e a geografia do seu país, o emprego formal da língua nativa, as noções básicas de ciências e matemática. A escola desperta – do latim *expergiscere*, ficar atento, esperto. A escola desperta o educando do sono intelectual, social e moral.

Ao ser escolarizado, o indivíduo adquire entendimento sobre o seu papel no mundo e é levado a perceber códigos que vão muito além daqueles que regem a vida doméstica, uma vez que o ensino básico pauta-se em diretrizes nacionais. De acordo com essa legislação, os jovens de 4 a 17 anos têm direito à educação. A lei atenta ainda para o fato de que a escola deve estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz.

E é nesse ponto que a disciplina castrense – contrariando o que se espera, afinal militares existem para guerra – é especial na formação do cidadão. Organizados no Batalhão Escolar, obedecendo aos regulamentos, participando de formaturas, cuidando do uniforme além de outras tantas ações que caracterizam a prática militar, o indivíduo aprende a respeitar os limites impostos pela sociedade para preservar a vida, o meio-ambiente, a moral e a boa convivência.

Acredito que, desde 1957, muitos professores tiraram lições extraordinárias desses alunos. Um olhar desatento pode ver o Colégio Militar de Salvador como uma instituição de ensino, mas aqui é um lugar de aprendizagem. Superei muitas questões pessoais, crises familiares e problemas de saúde, inspirada nos alunos do Colégio Militar, em pais e mães de discentes do CMS. Nas minhas "retinas fatigadas", como disse Drummond, ficam a aluna do apoio pedagógico que chegou ao comando do Batalhão Escolar e o aluno da etnia Wapichana – fronteira entre o Brasil e a Guiana – que se adaptou ao nosso Colégio. Permanecem a memória do aluno que, vivendo um câncer terminal, insistia em receber as lições de casa e

da menina que perdera o pai de repente, mas não perdeu o rumo, assumiu junto com a mãe o negócio da família, sem deixar de lado seu compromisso com os estudos.

É certo que nem tudo é luz, há os que veem o professor como um agente político. Porém, eles não tiram a tranquilidade nem a fé dessa velha professora. Depois de 31 anos no magistério, 24 deles no castro, sei que o ensino militar, na educação básica, pauta-se em um currículo atual, executa-se por meio de sequências didáticas, pensadas no âmbito de um sistema de ensino. Ambos articulados a partir de uma proposta pedagógica que pretende educar para o século XXI.

Diante de tudo isso, sou levada a parafrasear Anísio Teixeira e concluir que "Estar no CMS é crescer. E crescer é viver. Para mim, o CMS é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra".

1º lugar - Profissionais do CMS

TC R/1 Aline Cristina de Araújo - Professora de Língua Portuguesa

Minha jornada

Uma das melhores experiências da vida: reconhecer que o fundamental é o meio e não o fim. Nesse sentido, caminhar fazendo parte do CMS é que faz a diferença. Seja por sete anos, por apenas uma temporada, ou mesmo por décadas, a jornada pode ser significativa para todos, com intensidades diferenciadas, mas com a garantia do aprendizado e aquisição de valores morais, éticos e sociais.

No princípio, pode existir a sensação de não pertencimento proveniente do desconhecido, gerando insegurança, medo e fragilidade; porém, a cada amanhecer, surgirá uma nova conquista, um novo passo, um novo laço e, assim, um desabrochar de possibilidades, desafios, crescimento, transformações, atributos na área afetiva, além de acolhimento familiar.

Pertencer ao CMS significa compreender a grande teia formada nos 365 dias de cada ano, entrelaçada por: comando do colégio, subdireção, corpo de alunos, seções de ensino, integrantes, discentes e familiares, cada um segurando e ativando os pilares fundamentais para o grupo, o que evidencia que juntos somos mais fortes. Isso se dá porque somos seres humanos enraizados no sentimento essencial a cada um de nós, que é ser incluído e reconhecido, revigorando a conexão verdadeira do sistema.

E se o campo não está florido, ocupado por injustiças, soberbas, adversidades, a fragilidade se instala e o cansaço domina, há uma força maior de coleguismo e de amizade que nos proporciona uma junção de alento, de ânimo, uma expansão de resiliência e sabedoria para aguardar a chegada da primavera. Muitas vezes, é num abraço que o peso do piano é dividido e as veredas espinhosas se transmutam em estradas seguras para atravessar.

Quando recebi o título de Colaborador Emérito do Exército tornou-se ainda mais inequívoco o êxito de minha vivência no CMS, estimulando no coração a confiança de integrar uma equipe na qual o aprender-ensinar se faz constante. Como diz o poeta, “começaria tudo outra vez, se preciso fosse...” O brilho nos olhos e a chama no

peito ainda queima, com a certeza de que meus pés trilham o caminho certo.

2º lugar - Profissionais do CMS

Simone Miranda Bastos - Professora Gestora do AVA

De lembrança em lembrança se constitui uma vida de aprendizado

Pensar sobre as experiências que tivemos durante nossas vidas deveria ser um exercício permanente. Sabemos da impossibilidade de rememorar tudo o que já passamos, seja aquilo que aconteceu há muito tempo ou há poucos dias, mas posso afirmar que a maior parte de nossas lembranças são os momentos que nos ensinam para toda a vida. Aprender sempre com as pessoas é um fato no Colégio Militar de Salvador: um somatório de diferentes vivências, nos segmentos de estudantes, professores, militares, servidores, pais, ex-alunos, visitantes, uma família de relações e interesses diferentes, que tenho o prazer de viver e lembrar ao longo de 29 anos da minha vida, ou seja, metade dela.

Na minha história, faço parte de um grupo no Colégio que teve uma jornada de múltiplos objetivos, uma vez que no CMS tive oportunidade de experimentar ser aluno, militar, agente de ensino e professor, podendo observar ao longo dos anos as coisas boas e dificuldades de cada segmento. Nas distintas faixas da minha vida, tudo que passou na minha relação com o CMS influenciou as decisões de como seguir, o que estudar, como trabalhar, como criar a minha família e como me relacionar de modo fraterno com toda a família garança.

Trabalhando no CMS, tenho a impressão de que, às vezes, a gente nem raciocina direito, pois são muitos eventos e, para quem está envolvido nessas tarefas diversas, a atenção se fixa no processo e elaboração de cada projeto. Foi olhando para trás e revendo esses fatores que aprendi a perceber o melhor dos indivíduos, suas qualidades ou esforços para cumprir a missão, e isso me impulsionou e me motivou a sempre tentar fazer o meu melhor.

Ao longo dos anos, conheci muitas pessoas, que marcaram não só momentos felizes e tristes, como também me ajudaram a construir minha personalidade e uma base filosófica. Essa conquista existencial resultou da convivência com elas, para as quais fazer uma listagem de nomes seria injusto. Nesse enredo de relações, algumas deixaram de ser simples colegas de trabalho, tornando-se grandes amigos e amigas. Inclusive na minha vida pessoal, o CMS se faz

construção de memória viva e diária, uma vez que a esposa e o sogro são ex-alunos e ajudam a compor esse mosaico de experiências.

Ao procurar no dicionário um sinônimo para a palavra lembrança, sempre aparecem os termos “presente” e “benesse”. Talvez isso nos traga uma luz para reafirmar a minha tese de que o lembrar potencializa os ensinamentos e de que as experiências no mundo CMS nos servem realmente como um regalo. De uma coisa tenho certeza: os eventos vivenciados no nobre cadinho não deixam monotonia na vida de ninguém e as trocas constantes vão fazendo marcas para sempre, marcas indeléveis da memória.

3º lugar - Profissionais do CMS

Maj Virgílio - Professor de Geografia

Concurso CMS - Bicentenário da Independência do Brasil

Apresentar-me-ei novamente

Salvador, 25 de junho de 2022.

Caro pai,

Em razão de se celebrar o Bicentenário da Independência, venho, por meio desta carta, expor um viés que me tem posto em um estado reflexivo ao longo das últimas semanas de maneira tão frequente que já não mais sei se estou exausta ou extasiada. Todavia, solicito, inicialmente, que se sente ou deite em um contemplativo local e leia o conteúdo presente nestas linhas apenas quando almejar conhecer um pouco mais das minhas sigilosas reflexões – talvez crises existenciais, talvez meras loucuras momentâneas. Apresento, desse modo, os acréscimos e as subtrações, as transformações e as permanências, as persistências e as renúncias, as novas e as velhas ideologias que perpassam pelos meus pensamentos toda vez que me questiono: “O que é ser brasileira para ti, My?”.

Pode ser uma indagação prosaica para muitos indivíduos ou apenas mais uma dúvida que surge, de repente, ao longo tanto de um monólogo quanto de uma conversa. Não apenas pode, como parece, posto que – creio eu – não há certezas sobre essa questão. Francamente, as ambiguidades não são hodiernas, mas remontam ao século que abrangiu severas modificações no que tange ao que se conhece, hoje, como Brasil. Refiro-me ao século XIX, no qual ocorreu a tão aclamada Proclamação da Independência da nação verde-amarela à qual pertencço, tal como o senhor, pai.

Há diversos quesitos que contribuem para minhas incertezas, a exemplo do enquadramento temporal, isto é, da periodização da independência. Embora existam registros que a datem no dia sete de setembro de 1822, faz-se preciso reconhecê-la como um fato gradativo a meu ver. As contestações da colônia nas últimas décadas do século XVIII, o abandono de Lisboa pela corte imperial lusitana na primeira década do século seguinte e a “Abertura dos Portos às Nações Amigas” são acontecimentos que podem ser tidos como sintomas de uma crise geral que levaria à ruína do pacto colonial existente entre Portugal e a colônia americana que viria a ser conhecida, futuramente, como Brasil. Não obstante, circunscrever-

se somente aos ocorridos precedentes não exhibe a totalidade desse sucedido, tendo em vista que há a possibilidade de se ir além. A outorga da Carta constitucional de 1824, o reconhecimento lusitano – via acordo familiar – do Brasil como país independente em 1825, o fim do Primeiro Reinado em 1831 e o Período Regencial (1831-1840) exemplificam marcos temporais que expõem a complexidade, a dinamicidade e a conjugação historial da independência do Estado nacional brasileiro como um processo paulatino.

Compreendo a essencialidade de se centralizar a temporalidade desse fato histórico a fim de que seja possível o inserir como objeto de estudo delimitado; contudo, acredito que o interpretar como uma conjuntura histórica contribui para uma resposta mais eficaz ao meu questionamento mencionado anteriormente. Por mais que tenha o conhecimento da data do meu nascimento, sou uma amálgama do que se deu, dá e dará no que se refere ao meu ser e é assim que analiso a independência. O senhor compreende?

Ademais, há de se reconhecer que a criação tanto de um Estado quanto de uma nação brasileiros se deu em virtude desse fato, não o contrário. Consegue sentir o impacto disso no interior da sua alma, pai? Afloram cenários em minha mente, os quais me exibem como um indivíduo do século XIX, na colônia portuguesa, que se reconhece pertencente à nação lusitana a alguma das variadas tribos nativas ou a algum dos inúmeros povos africanos, mas jamais a uma fusão delas.

Não obstante, faz-se necessário constatar a separação relativa ao surgimento do Estado e da sociedade. Evidencia-se que a transfiguração consolidada pelo processo de independência se desencadeou em virtude de elementos políticos, econômicos e culturais que inseridos foram no território nacional embasados – sobretudo – no sistema institucional, social e simbólico lusitano da época. À vista disso, os aparatos administrativos, parlamentares e financeiros modificaram-se em um ritmo distinto se comparados aos conceitos inerentes à cidadania, à representatividade, à soberania nacional e às formas de expressão, associação e colaboração

coletivas e públicas que possibilitariam a formação de uma realidade nacional única: um país liberal e escravista.

Em seu livro *Nações e Nacionalismo desde 1780*, Eric Hobsbawm afirma que “[...] o nacionalismo vem antes das nações. As nações não formam os Estados e os nacionalismos, mas sim o oposto”. Não se pautara nesse quesito a esfera social brasileira. Seja dito de passagem, quem sabe, na contemporaneidade, deveras, o que é ter esse sentimento patriota, essa efervescência de se sentir pertencente a uma nação miscigenada? Não me refiro ao prisma ideológico, posto que este – creio eu – muitos leem sobre (haja vista as diversas obras confeccionadas visando à criação de uma simbologia nacional legitimando a independência) e conseguem assimilar o que é expresso; verso acerca do campo identitário que transcende o ideal “Nosso céu tem mais estrelas,/Nossas várzeas têm mais flores,/Nossos bosques têm mais vida,/Nossa vida mais amores.”, consegue se agregar ao indivíduo e se introduzir na prática. A meu ver, muita coisa resta a ser feita.

Nem a independência, nem o Estado nacional nem a nação foram resultado de um nacionalismo brasileiro. Para que eles pudessem se consolidar, foi substancial não ignorar os ocorridos relativos à nação portuguesa na primeira década do século XIX e considerar as bases político-administrativas que se fundamentaram tanto na ruptura (liberal) quanto na continuidade (escravista). Isso posto, o eixo de estudo vincula-se aos vieses não apenas assim, serem tidos como correlatos e simultâneos.

À vista das questões supracitadas, minhas incertezas acentuaram-se. Entretanto, acredito que seja pelo fato de elas existirem que posso tentar responder ao meu questionamento inicial, pai.

Talvez o verde que me rodeia exiba a liberdade que almejo ardentemente; porventura o amarelo represente a luz que incendeia o idioma que reverbera em minhas cordas vocais e que é exaltado em meus escritos; acaso o azul seja a profundidade das almas dos ancestrais que me compõem; quiçá o branco se incorpore em mim como a pacificidade declamada por tantos e concretizada por poucos. Em consequência dessa policromática amálgama, proclamo,

declamo e entoo que sou pertencente a um país “de cor” não por me reconhecer como branca, preta, parda, amarela ou indígena, mas sim por ser uma mestiça que internaliza as vitórias, as derrotas, as felicidades e as dores do povo do qual faço parte.

O caminho que traço para que minha trajetória seja, devidamente, construída se confunde com as experiências passadas de outros seres. Isso ocorre, possivelmente, porque, embora minha história seja recente, a do meu povo completa 200 anos.

Logo, comemorem-se 200, 500, 1000 anos..., apresentar-me-ei novamente a cada celebração, posto que minha brasilidade sempre esteve, está e estará em construção.

E para o senhor, pai: o que é ser brasileiro?

Mesuras cordiais,

My.

**Vencedora na categoria “Artigo de opinião/Carta argumentativa”
Aluna 4521 - Myllena - Turma 203
Professora orientadora - Luciana Oliveira**

Duzentos anos de independência

Já se passaram 200 anos
Da Independência do Brasil
Uma pátria grandiosa
Com um povo varonil

O rei de Portugal
Fugindo da invasão francesa
Foi para a colônia
Com toda a realeza

A família real
Ao Brasil chegou
Os portos foram abertos
E o monopólio comercial acabou

A economia cresceu
Foi elevado a Reino Unido
Se desenvolveu
E ganhou status político

Mas D. João VI teve que voltar
Para a sua terra natal
Então seu filho virou
O regente real

As cortes portuguesas
Queriam um Brasil submisso
Mas o povo brasileiro
Não queria mais isso

Ordenaram que o príncipe
Teria que voltar
Mas ele disse a Portugal
Que iria ficar

Ao passar dos meses
A discórdia aumentava
E por uma libertação
O povo esperava

Em 7 de setembro
A independência foi proclamada
E às margens do Ipiranga
O povo a aclamava

Processo histórico de separação
Que rompeu a subordinação
E o Brasil se tornou
Uma linda nação

O Bicentenário da Independência
Podemos comemorar
E nessa data
Devemos festejar

A pátria amada
A mãe gentil
A terra adorada
O nosso Brasil!

**Vencedor na categoria “Cordel/Crônica”
Aluno 4782 - Sérgio Bittencourt - Turma 802
Professora orientadora - 2º Ten Liliane Aquino**

Nosso Brasil, nosso povo varonil

Nosso Brasil, nosso povo varonil
que no período colonial,
ficou escravo de Portugal.
E foi no dia sete de setembro
que Dom Pedro I, com decência,
proclamou a nossa independência.

Agora comemora-se, com orgulho e alegria,
duzentos anos de harmonia.
E quem diria que após esse dia,
uma nova nação emergia
de um mar de decepção, dor e solidão,
que era a colonização.

Mas, depois de tanto descontentamento,
finalmente acabou o desalento.
Isso tudo, graças ao Dom Pedro,
o salvador da pátria, que, com talento,
acabou com todo o sofrimento.

Vencedor na categoria “Carta/Poema”

Aluno 5139 - Heitor - Turma 602

Professora orientadora - 1ª Ten Ana Carolina

XII Concurso de Redação da CGU - “Conversando a gente se entende”

Tinha tudo para ser um dia perfeito

Tinha tudo para ser um primeiro dia de aula perfeito na escola de Joca, mas havia um garoto extremamente implicante, que não deixava os alunos novos em paz.

Joca é um menino quieto, de onze anos, que “curte” animais e música pop. Um garoto normal, é claro, mas que passou a ser irritado e zombado na escola por ser “mimadinho”. Joca era chamado assim porque tinha tudo do bom e do melhor: o celular mais novo, o sapato e a mochila mais caros, entre outras coisas. Mas Caio, o garoto que maltratava Joca, estava prestes a descobrir o real motivo de Joca ter todas aquelas coisas.

Um dia, Caio estava indo em direção a Joca, para zombar dele, mas foi diferente. Joca disse logo:

– Caio, vamos conversar! Eu sei que tenho coisas legais, mas você sabe por que tenho isso tudo? Meus pais são divorciados e tentam fazer com que eu me sinta melhor dando-me esses presentes.

Caio ficou totalmente sem jeito. Ficou arrependido, sentimental.

Depois daquele momento, Caio nunca mais foi o mesmo. Parou de fazer “bullying” e passou a respeitar mais as pessoas. E o mais importante de tudo é que Caio aprendeu uma lição: conversando a gente se entende!

Aluno 5139 - Heitor - Turma 602

As pessoas têm que aprender

As pessoas têm que aprender
Que conversando a gente se entende,
Os conflitos irão continuar
E, no final, ninguém aprende!

Nas conversas usamos palavras
Que, se bem escolhidas, constroem pontes
Apontando, para nossas vidas,
Belos Horizontes.

Na conversa, nem sempre se fala.
Ouvir também é importante.
E, assim, ouvindo e falando,
O assunto se torna interessante.

Crianças, jovens, adultos e idosos,
Não importa raça, credo ou cor.
Quem dera se, com as palavras,
sempre espalhássemos paz e amor!

Conversando a gente se entende.
É isto verdade, minha gente?
Porque, se for, realmente,
Não fazem sentidos atos inconsequentes!

Aluno 5222 - Espíndola - Turma 701

O aluno novo

Era o primeiro dia de aula e, na minha sala, havia um novo aluno. Seu nome era Pedro e tinha uma deficiência visual. Eu logo quis conhecê-lo e apresentá-lo aos nossos colegas, além de querer saber um pouco sobre seu problema nas vistas.

Ele era um menino muito gentil e educado. Explicou-me tranquilamente sobre sua condição e me disse que gostava de ser chamado de Peu. Entretanto, não foi tão bem recepcionado pela turma, já que o pessoal evitava falar com ele.

Depois do fim das aulas, conversei mais um pouco com Pedro e, logo, quis mostrar a todos como ele era um menino divertido e que o fato de ter deficiência nos olhos não era motivo para nenhum problema. Mas, infelizmente, apesar dos meus esforços, todos continuavam resistentes e sem querer aproximação com o garoto. Isso o deixava muito triste!

No dia seguinte, comuniquei à professora a atitude que os alunos estavam tendo com Pedro. Assim, ao começar a aula, ela falou sobre a importância do diálogo e do respeito, convidando, a seguir, Peu para ir à frente da sala para que pudesse se apresentar e falar um pouco sobre si mesmo. Ele aceitou o convite e, após suas palavras, os colegas perceberam que haviam agido errado, pois ainda nem conheciam o menino e, só porque ele era deficiente visual, estavam sem querer falar com ele.

Ao final das aulas, os estudantes que tinham preconceito em relação a Pedro foram lhe pedir desculpas. Então o garoto desculpou, alegremente, seus colegas. Depois disso, ele passou a ser bem tratado por todos e não havia sequer um aluno em sala que não gostasse dele.

Aluno 4782 - Sérgio Bittencourt - Turma 802

Se entenda

Uma conversa boa
Em que a gente se entenda
Enquanto o tempo voa
Se diz o que sente
E nós temos que ouvir
Os opostos da gente

Esquecer o orgulho
Ouvir o outro lado
Escutar a todos
E ser escutado
É sobre se entender
Antes de ser culpado

Daquela conversa
Se tira harmonia
Um papo entre aqueles
Que nos geram empatia
Os dois perante o mar
Defronte a maresia.

Evita problemas ou
mal entendidos
Falar o que se sente
Quando é preciso
Uma conversa boa
Com um ombro amigo

Aluno 5107 - Gabriel Medeiros - Turma 904

Conversar não dói

Falamos e falamos. Conversamos e dialogamos. Discutimos e, muitas vezes, brigamos. Contamos histórias e ouvimos... Ouvimos? Realmente escutamos a opinião dos outros? Foi exatamente essa pergunta que ecoava na cabeça da Caliu quando se viu sentado em frente à diretora do seu colégio. E a situação havia sido a seguinte: ele foi convocado a comparecer ali, após bater em seu colega de classe por conta de um desentendimento e, há poucos minutos, a diretora havia lhe feito a seguinte pergunta:

– Você conversou com ele ou apenas, sem mais nem menos, lhe bateu?

– Não precisei conversar, diretora! Estava claro que ele havia insultado minha mãe naquela mensagem! A senhora pode olhar! – Respondeu Caliu, indignado.

– Caliu, apenas te darei um conselho: converse! Apenas isso. Você está suspenso!

Caliu saiu da diretoria com duas coisas: uma carta de advertência em uma das mãos e uma determinação, tão palpável quanto o papel, de que nunca falaria com aquele menino a quem havia esmurrado, Fernando. Nunca! Porém, os dias foram passando e as fofocas surgindo pois, afinal, não era todo dia que aquela cena de dois alunos trocando tapas acontecia em uma turma do 5º ano. O ocorrido inicial, que havia sido o envio de uma possível mensagem por Fernando, xingando a mãe de Caliu, já havia se transformado no rumor de que os dois haviam brigado pelo coração de uma garota. Enfim, um caos!

Cumprido o seu dia de suspensão e tendo a assinatura de seus pais em sua advertência, Caliu voltou para o colégio e se surpreendeu ao entrar na sala de aula e encontrar Fernando encarando-o ao lado de sua carteira. “Não era possível! Estava ali para discutir mais? Não conversaria com ele!” E assim ocorreu pelo resto da semana. Todos os dias Fernando o esperava e, todas as vezes, Caliu ignorava-o, até que, um dia, ouviu do fundo da sala:

– Não foi isso o que aconteceu! Não foi! – Era Fernando, tentando chamar a sua atenção.

– Não irei te ouvir!

– Mas, Caliu, não fui eu quem te enviou a mensagem! Nunca faria isso! Meu celular foi “rackeado”, uma pessoa mal intencionada a enviou!

– Como você pode...? Calma! Não foi você? – balbuciou Caliu, envergonhado.

– Não, Caliu... Você não quis me ouvir! Era só falar comigo! Eu mesmo já o perdoei!

– Perdão, Fernando! Eu cometi em erro gigante! Eu apenas precisava conversar com você! E nem isso fui capaz! Fui tão orgulhoso...! – Reconheceu Caliu, lembrando o conselho da diretora.

Conversar não doeria! Nunca dói! Na verdade, evitaria a dor!

Aluna 4468 - Lis Barbosa - Turma 101

Decrépitos lírios azuis meus

É direito meu afirmar que não.
Ou é liberdade dele dizer o contrário?
É dever meu conceder o perdão.
Ou é intrínseco a ele ser como um proprietário?

O que está no interior do meu ser
Não se expõe no meu físico ultrajado,
Seja pela minha voz inexistente a ele,
Seja pelo o que ele entende sobre o que deveria ser expresso.
Haja vista o sangue que se estanca em minha boca,
Incapaz sou de solicitar que se exerça o que não permitira começar.
Todavia, o diálogo já se fazia inexistente como minha voz rouca
Por culpa minha, pois não cedi, ou por responsabilidade dele em
não tentar me escutar?

Almejo o que conhecia como meu lar
Onde meus lírios florescia sem receio
Não quero a voz em meus sonhos
Nem neles a conversa é tida por ele como um meio.

Por mais que queira, minha vontade é desprezada por outrem.
Não escutam o que é dito no silêncio do meu reinado.
O sigilo mantém-se intacto, mesmo que entrem
Continuarei eu sendo um monumento inacabado?

Aluna 4521 - Myllena - Turma 203

Modernidade

Líquida é minha modernidade.
Uma barragem sólida para as relações.
Diálogos oceânicos (tempo bom em que só eram pacíficos).
Minha talassofobia me impede de tomar ações.

Usar ou ser usado? (Eis a questão!)
O epicurismo nos consome.
Te quero até que sofras.
Me queira até que doa.
Uma paixão que logo some.
Não sei o que é "BOM DIA",
Somente "Ois" e "Tchau".
Malmente se pergunta o nome.

O vazio contamina.
É um mal para a sociedade.
Os problemas? Só meus!
A felicidade? Só minha!
Mas cadê a amizade?

Precisamos uns dos outros.
Esse egoísmo não vai pra frente!
O diálogo é a solução,
Pois conversando a gente se entende.

Aluno 4797 - Vinícius - Turma 302

VII Concurso de Redação da DPU - “Prato feito: alimentação de qualidade é sinal de dignidade”

A fome é terrível

A fome é terrível,
mas para muitos ela parece invisível.
Isso ocorre pois ela tende a matar
as pessoas que não têm como se sustentar.

Pessoas desesperadas
com suas vidas invalidadas.
Tirando a sua comida dos lixos,
sendo assim comparadas a bichos.

Mas esse é o efeito da fome
que toda sua dignidade consome.
Como se pode ter dignidade,
sem comida de qualidade?

É por isso que devemos ajudar
essas pessoas que não conseguem se cuidar.
Vamos demonstrar empatia
para aqueles que podem nos ajudar um dia.

Essas pessoas de nossa comunidade
merecem viver com mais oportunidades,
para que desse jeito possamos
fazê-los viver a vida que tanto amamos.

Aluno 4679 - Karpiuck – Turma 103

Programa de Leitura - LiteraCMS

Mil e uma(s) vida(s)

Todas nós, seres mortais, possuímos a oportunidade de vivermos mil e uma(s) vida(s) antes de morreremos.

Uma única vida, penso eu, não é o suficiente para conter:
a pluralidade dos aromas;
a grandeza das experiências sensoriais;
as dores das perdas.

Um bom vinho pode e deve ser atemporal.

Nem toda água é insípida.

Algumas comidas precisam ser insossas, por natureza, para apurar o paladar.

Em um curto espaço de tempo eu estive em lugares como:

Nova Zelândia;

Bora Bora;

Ilha de Itaparica;

Pantanal brasileiro;

Polinésia Francesa;

Ilhas Maldivas;

Cordilheira dos Andes;

Gujarat, na Índia;

Falha de San Andreas.

Até fui fotografada entre as placas tectônicas sul-americanas.

Desfrutei de um pujo indiano na companhia de amigos como:

Zygmunt Bauman;

Machado de Assis;

Ruy Fausto;

Milton Santos;

Sigmund Freud;

Nina Simone;

Luiz Gama.

Na ocasião, desfrutamos um poema de Ferreira Gullar, em uma tarde infinita ou em uma infinita tarde, como queiram... é a gosto do freguês.

Usei:

mentes de outras pessoas, de animais e até mesmo de objetos, a fim de que pensassem por mim;
braços alheios, para abraçar o mundo;
e pés de outrem, para seguir nas caminhadas até as derradeiras páginas.

Já fui:

jabuti;
sobrevivente de guerra;
arqui-inimigo;
deus;
escrava;
demônio;
pinguim;
algoz;
vítima de catástrofe natural.

Em outro momento, eu mesma provoquei tal fenômeno.

Ainda fui:

pai;
filho;
nasci;
morri;
passei fome;
fui abastada;
dona de zoológico,
boticária assassina;
fui bruxa;
lutei entre os 300 espartanos e, no final, já cansada, me tornei um ermitão.

Na Idade Média, quando clinicava, para salvar vidas, usei até sanguessugas; na época me pareceu ser uma boa ideia, hoje tenho cá as minhas dúvidas...

A regra sempre foi não haver muitas regras, apenas seguir as longas e inefáveis viagens literárias.

Saindo do lugar comum para o lugar, não raro incomum, de protagonista da própria vida e das transformações do próprio mundo,

outros mundos são possíveis;

outras vidas são vividas;

outros sonhos podem ser experienciados;

outras dores devem ser sentidas.

A construção do pensamento crítico é registrada pelos olhos da alma e da mente do leitor.

O intangível surge a partir das mais tênues reflexões sobre a realidade cotidiana.

Todas nós, seres mortais, possuímos a oportunidade de vivermos mil e uma(s) vida(s) antes de morreremos.

Uma única vida, penso eu, não é o suficiente para conter todas as possibilidades de realizações de um indivíduo.

E é por isso que recorreremos a eles: OS LIVROS.

2º Ten Liliane Aquino - Professora de Língua Portuguesa

CMS no combate ao mosquito

Final de tarde na Pituba: homens e mulheres se despedem do terreno, um pátio conhecido por adultos e crianças.

Fim de uma missão que começou ainda escuro e, para quem de fora estava, a missão parecia muito simples.

Mas, olhando para um futuro próximo, o simples nunca foi tão importante.

No campo de batalha, o soldado pensava enquanto segurava a sua arma: um folheto. "Estamos lutando por uma geração de brasileiros".

Amanhã, as crianças voltarão ao pátio e, para os soldados da Pituba, a missão continuará.

Todo o cansaço dará lugar à criatividade, paciência, humor, sabedoria, enfim: Ensino.

Maj Tupolevck - Professor de Química

Templo de mim

Ando medindo-me a cada
passo.
Meu caminho não se mede
com nenhum rastro.
Sou distância de mim mesmo
e parede indevassável...
Meço minha fala-palavra
com o silêncio dos templos
adormecidos...
E vou oferecendo-te
procissão:
longos cânticos de ruína
E uns ganidos de fé sem rima.

Meu coração está vazio

Meu coração está vazio.
Ele tem o peso das coisas que
ambicionei
e o das coisas que se
perderam.
Nele, encontro sangue
espezinhado de buscas:
Sangue doce que bebo.
Sangue salgado que desejei.
Ofereço-lhe o que me faz
leve.
Meu coração de lonjuras
Esqueceu o meu ritmo de
verso.
Descompassado,
sabe da cura.
Da face que apaguei.
Coração que desaquece.
Eu te esqueço de maneira
breve.

Meu coração não está vazio
mas é como se estivesse.
Refugo do passado, ele me
engasga.
Exigindo de mim mais do que
palavras.

**Maj Sérgio Inácio - Professor
de História**

Ao longe

A eternidade me
experimenta.
O meu cais era olhar o nosso
tempo como
criança.
E hoje, esse hiato disfarçado
de rio
passa por mim com a calma
do abandono.

Sou feito de tempo e
distância
querendo estar mais longe
do que meus passos
alcançam.

Distância

Agora é tudo mar calmo.
Um barco sem velas é quem
me leva.
Ao longe, tua imagem no
litoral é diminuta
pedra.
Só, não fico pequeno, o meu
horizonte é
rasto.
Líquido que em mim se
expande.

Amo essa minha perspectiva
na praia.
Daqui eu nadaria pros meus
próprios braços.
Nadador-náufrago que não
teme
a distância da sua própria
margem.

**Maj Sérgio Inácio - Professor
de História**

Porque às vezes há esse cansaço

Porque às vezes há esse cansaço. Esse desejo de calar todos os ruídos, todos os não ditos intencionais por trás de palavras supostamente honestas, sinceras. Há essa vontade de apenas parar, escutar a si. Ouvir somente vozes calmas e amorosas. O vento, o mar, o meu amor, a música serena e potente de Luedji Luna me afagam e me devolvem à luta.

A luta sim. Essa é honesta. Pisa no solo fértil da realidade que ousamos revolver para fazer nascer outras possibilidades. Reduzir iniquidades, apagar linhas, derrubar fronteiras e cercas. Aqui pode haver barulho. E nessa "zoada", lanço-me, lutando, em desafios. Ser menos autoridade e mais participante. Resistir às tentações da vaidade e me juntar aos que não desejam separações. Ao lado das reparações, caminhar.

Suar, sangrar, revoltar, poder mudar, poder desculpar-se e reorganizar-se.

E quando cansado, voltar ao silêncio, aos sons brandos de palavras carinhosas. Porque também sou frágil e erro. E cuidar de mim, do outro, é habilidade serena e delicada. Como serenos e delicados são os sons calmos.

Maj Hamilton - Psicólogo (Seção Psicopedagógica)

Hermes

Vocês todos me desculpem, mas eu preciso dessas fugas
De vez em quando vestir asas nos pés e flutuar veloz sobre as ruas

Tal qual Hermes escapando de deuses severos, desafiar tudo o que
pesa

Subir caminhos íngremes, chegar naquela rocha que risca o céu e
ser nuvem

Olhar ao redor, ver todos lá embaixo com suas caretas horrendas,
furiosas ou tristes

e desejar ser cálida luz de alegria

Descer apenas se for por um deslize

Ainda assim, a contemplar folhas, flores e pássaros

Tocar outra vez o real como uma pena que na fraca brisa chega ao
chão

Flanar em solo árido

E ser carícia leve às peles rudes

E a vocês que impedem a vida, suavemente, nem precisar dizer:
basta!

Salvador pandêmica, 2 de julho de 2020.

Maj Hamilton - Psicólogo (Seção Psicopedagógica)

Clichês para logo mais

A estrada adiante pouco mudou
 Os quererem não de juntar as
 mãos frente ao peito
 Em busca de fluxos espelhados
 Continuando a dança da vida
 A mesa compreende não mais o
 ser
 Ela cogita
 Gerar encontros
 A mãe e a natureza em nós
 À espera de estarem
 Juntas
 Num abraço

Cabe no poema

O preço do feijão não cabe no
 poema.
 É, Gullar, não cabe no poema!
 O preço do feijão
 não cabe no meu bolso.
 O preço da carne não cabe no
 meu bolso.
 O aluguel não cabe no meu bolso.
 A minha indignação não cabe no
 poema.

Não cabem no poema
 o preconceito,
 o racismo,
 a discriminação.
 Na minha boca não cabem
 também não.

A vida sem lazer
 não cabe no poema.
 A vida sem amor
 não cabe no poema.

Porque no poema, meu povo,
 só cabem as palavras sem atrito,
 dor ou reflexão.

Esse poema,
 que não fede e nem cheira,
 poeta,
 não cabe nas minhas mãos!

**Esmeralda B. Cravançola -
 Professora de Língua Portuguesa**

Domingo no litoral

Psicanálise do palavrão no futebol
Trave digerindo a bola que rola em sol de
pleno verão
São problemas derretendo quando
encontram água
Maré levando a jangada e arrastando gente
e misturando gente
que é grão de areia
nesta terra
Cá tá vento na íris da criança
Deixa estar que amanhã é segunda...
Mas hoje é domingo no litoral!

**Maj Brena - Psicóloga (Seção de Atendimento Educacional
Especializado)**

Correr salva vidas

Uma dica vou te dar
Para sua vida melhorar
Se você não quiser adoecer
Coloque um tênis e vá correr!

Vou te contar minha história
De como tudo começou
Essa inusitada trajetória
A minha vida mudou!

Queria muito emagrecer
Então no Vigilantes do Peso entrei
E quando comecei a correr
Logo me apaixonei!

De treze anos para cá
De muitas corridas participei
Tudo isso muito eu amei
Correr por prazer é o que há!

Das estações, da polícia, dos bombeiros
Feminina, da saúde, dos carteiros
Noturna, revezamento, trilhas rupestres
E três vezes na São Silvestre!

Minha saúde física e mental
São mantidas nas ruas com alegria
E mesmo na época da pandemia
Punha a máscara para manter o astral!

Descobri que ao correr
Tudo fica em segundo plano
Calçando os tênis saio do cotidiano
Assim, devo correr para não adoecer!

**Maj Cinthia Messias - Professora de Língua Portuguesa
Corredora de rua desde 2009**

Livros: a receita para a humanidade

A arte de ler e escrever é um dom
que temos que aprimorar a cada dia,
pois vemos nos livros
a ponte para o futuro.

Os homens se aprimoram na arte da leitura,
seja no céu,
seja na terra ou no mar,
os livros servem para nos ajudar.

Nas canetas e nas paredes,
encontramos as tintas;
nos lápis, a grafite,
mas é nos livros
que gravamos a história.

As estrelas servem para brilhar,
o avião para voar,
os barcos para navegar,
as pernas para caminhar
e os livros para estudar.

ST Rigaud - Seção Técnica de Ensino

Um convite para o presente

Respire em quatro tempos, ouça a sua respiração! Não dá tempo, o relógio é acelerado e eu preciso passar à frente dele, porque o futuro me espera. Então, a respiração acelera e nem a escuto. Não tem problema, continuo acelerada, porque o relógio não para. Amanhece, saio, corro, volto, pego, deixo, corro novamente, durmo e, no meio da noite, me lembro que esqueci de algo, algo que não me lembro o que, mas sei que esqueci. Já não sou dona da minha rotina. A rotina me comanda... até que desperto, com medo de tudo, inclusive de mim mesma! Agora não tem jeito, preciso enfrentar medos e inseguranças, mas não tenho ferramentas para isso! Pare, olhe para si mesma, ouça a sua respiração, escute os seus pensamentos, mergulhe em si, leve a sua luz, acolha a sua sombra, ela faz parte de você, está aí te dizendo, cuide de ti, cuide de ti, porque o presente e o futuro são reconexão com si, com a sua ancestralidade e o de melhor dessa sua existência.

Nadja Miranda - Professora de História

TEXTOS ALUSIVOS

Dia das mães

Mãe, uma palavra que carrega consigo tanto significado. Infundável seria dissertar sobre todas as facetas das mães. Simples é a certeza de que ter mãe é para sempre ser amado, pois mãe é quem ama incondicionalmente. Para louvar as mães no dia selecionado para ser delas, mostrarei porque todos os 365 dias do ano deveriam ser voltados para homenageá-las também.

Começarei com o momento em que a função destas corajosas mulheres é consagrada e a missão inerente a ser mãe é estabelecida. Quando, trôpegos, ao abrir os olhos, nós, filhos e filhas, vemos pela primeira vez nossa mãe, com um sorriso aberto, olhar carinhoso e lágrimas de resiliência e felicidade. Destarte, nossa mãe, além de ser nossa primeira visão ao chegar ao mundo, é quem nos ensina a viver. Com o beijo que sara e o carinho que cuida, nos mostra que devemos tentar de novo todas as vezes que caímos quando queríamos andar, nos incentiva a pronunciar as primeiras sílabas para um dia formar complexas palavras. E, assim, são constituídas: com as delicadas, porém, fortes mãos, que enxugam as nossas lágrimas, com os doces lábios, que beijam nossas bochechas, e com os olhos atrás das costas, que tudo veem, tudo sabem.

As mães são quem abraçamos quando precisamos de abrigo, a quem pedimos conselho, quando estamos aflitos, quem pretendemos deixar orgulhosas, quando vivemos. São elas que nos guiam nos momentos difíceis, sempre cheias de palavras de consolo e estímulo. Adicionalmente, faço das palavras de Mário Quintana as minhas: “Para louvar a nossa mãe, todo bem que se disser, nunca há de ser tão grande, quanto o bem que ela nos quer”.

Aluna 4221 - Guttman - Turma 302

Dia dos pais

Há pais e pais. Pais amorosos, que cuidam de um ninho do qual, um dia, voará para longe sua cria. Pais austeros, sérios, cópias autenticadas de seus próprios pais. Pais que, simplesmente, não o são.

Fato é que, ao ouvir a palavra “pai”, cada filho em cada canto do mundo encontra em seu âmago aquilo que lhe cabe a palavra. Encontra a imagem, definida ou não, da relação que estica, esfria, aproxima, muda. Da relação que acompanhou seus primeiros passos e te aqueceu em abraços, que te ensinou o “beabá” da vida, ou que te mandou um cartão de aniversário uma vez ao ano. Dessas relações é que formamos nosso “eu”, medimos o amor que merecemos, julgamos o amor que damos, e, pouco a pouco, nos tornamos o pai que seremos.

Criaremos nossa própria ninhada, o ciclo continua. Vencem aqueles que souberam, através do amor, dar asas a um filhote, e recebem a felicidade de ver os seus nos céus. O processo, sabemos, é difícil, mas tenhamos paciência. “São crianças como você. O que você vai ser quando você crescer?”

Aluno 4218 - Davi Pires - Turma 302

Dia do aluno

Há poucos dias, na cerimônia de entrega da boina, jovens, até então cotonetes, vestiam, pela primeira vez, o uniforme garança. Estavam prontos para, ao receberem sua boina, ingressarem oficialmente no “nobre cadinho”, como alunos do Colégio Militar de Salvador. Conforme declaravam o juramento e cantavam o hino do CMS, as responsabilidades e deveres do título “Aluno CMS”, a floravam à pele!

Mas afinal, qual o significado de ser aluno? Acredito que muitos de vocês podem estar pensando que seja somente ter obrigações, fazer trabalhos e avaliações, deveres de casa e assistir às aulas. Não vou mentir, isso faz parte do combo, entretanto, ser aluno também é ter iniciativa, é aprender com os outros e ensinar. É cumprir com o nosso dever, como diz o hino do Colégio. Ser aluno é errar e errar de novo, até porque estamos na escola; agora é a nossa hora de “quebrar a cara” e aprender com os nossos erros, para que, ao desfilarmos em direção ao portão pela última vez, possamos colocar em prática todos os valores adquiridos. Tenham certeza de que ao sairmos do Colégio, as nossas melhores lembranças serão dos anos que passamos aqui, enquanto alunos: dos eventos, das risadas, das conversas nos corredores, dos treinos durante a tarde.

Ser aluno é saber que se pode ter uma segunda família, pois, é nesse espaço que, muitas vezes, criamos laços que durarão a vida inteira. Esses vínculos vão muito além desse portão, eles adentram outros 13, formando a grande família composta por todos os estudantes do SCMB - Sistema Colégio Militar do Brasil. Nós somos a alma do sistema! É por isso que, apesar de sermos de lugares completamente diferentes, cada um com seu sotaque e cultura, nos tornamos todos iguais!

Feliz dia do aluno!

Aluna 4335 - Marina Dultra - 204

6º ANO

O corvo e o elefante

Em um dia nublado, numa grande floresta, um malvado caçador estava armando uma armadilha para o grande elefante.

Porém, um corvo que estava sobrevoando a área ouviu o homem falar com alguém sobre o que ia fazer e resolveu falar com o elefante.

– Senhor elefante, tem um caçador querendo matá-lo com uma armadilha, perto do rio.

O elefante decidiu que iria acreditar no corvo e, naquele dia, tomou seu banho em outro rio; assim, salvando sua vida.

Após alguns dias, viu um tigre muito grande com o corvo na boca, tentando tirar uma de suas asas. Ele então assustou-o, levando o corvo para casa para ajudá-lo.

– Obrigado, elefante. Me salvou daquele tigre e ainda me trouxe para sua casa.

– Mas isso não é nada perto da armadilha da qual você me livrou.

Depois desse dia, o corvo e o elefante viraram amigos, sempre cuidando um do outro.

Moral: Gentileza gera gentileza.

Aluna 5137 - Issa - Turma 601

O gato José Bondoso

Em um certo dia, estava o gato José, muito alegre, comendo seu hambúrguer quando, de repente, o rato Moisés pegou a comida dele; mas como José era um gato tão bondoso, ele pensou que o rato estava com fome e resolveu pegar um queijo para ele, só que o rato sentia inveja, e não come.

O rato Moisés não gostou do fato do gato não ter sentido raiva, então, resolveu irritá-lo novamente, mas dessa vez pior. Ele pegou o vaso de plantas da dona do gato e jogou a plantinha no chão. O gato José era tão inocente e bondoso que falou para o rato que iria ajudá-lo a por a planta de volta no vaso.

E foi aí que o rato percebeu que o gatinho era bom, então resolveu pedir desculpas. Eles fizeram as pazes e viraram melhores amigos.

O gato José ensinou o rato Moisés a ser gentil, assim, ele nunca mais irritou ninguém e passou a ajudar os outros.

Moral da história: Gentileza gera gentileza.

Aluna 5197 - Alice Aguiar - Turma 601

A borboleta

Há muitos e muitos anos existia na antiga selva uma borboleta. Os outros animais viviam zombando dela por ser pequena, frágil e não conseguir carregar nem um graveto.

Dona Borboleta, como era conhecida, era fraca, mas era inteligente, mais inteligente do que toda a bicharada da selva. Mesmo sendo pequena, ela não temia nada, nem o caçador, um homem mau que todos os outros temiam, inclusive os animais mais poderosos.

Um dia, o caçador apareceu e encurralou o tigre, apontando para ele sua espingarda. Ele já estava com o dedo no gatilho quando Dona Borboleta percebeu a situação e, rápida como o vento, pousou precisamente na orelha do caçador, fazendo com que ele sentisse cócegas. O homem, sem perceber, largou a espingarda no chão, dando oportunidade ao tigre para avançar.

Depois disso, a zombaria com Dona Borboleta acabou e ela ficou conhecida na selva inteira por salvar o poderoso animal, que antes zombava dela e, após o ocorrido, passou a ser vítima da zombaria que fazia por precisar da ajuda de uma pequena, fraca e, como costumava dizer, insignificante borboleta.

Aluno 5139 - Heitor - Turma 602

O porco e o lobo

Um porco vivia bem calmo em seu chiqueiro. Tinha uma vida boa e confortável, até que seu dono resolveu abatê-lo para jantar. Por sorte, o animal escapou, mas enquanto tentava fugir do forno, encontrou um lobo.

– O que está fazendo no meio da floresta, meu amigo? – disse o lobo na intenção de ter uma ótima refeição.

– Eu estou tentando fugir do meu dono, você pode me ajudar? – respondeu o porquinho com medo.

O lobo, olhando para o porco, sentiu pena e, embora estivesse com fome, resolveu ajudá-lo, fazendo uma boa ação.

Poucos dias depois, o lobo foi encontrado por um grupo de caçadores e, enquanto uivava por ajuda, o porco ouviu.

– Agente firme, lobo! Vou salvar você!

Depois de muito esforço, correndo pra lá e pra cá, o porco conseguiu distrair os caçadores e os dois animais saíram ilesos.

– Meu amigo, muito obrigado! Sem você, eu não teria conseguido fugir! – falou o lobo.

– De nada! É para isso que servem os companheiros!

Aluna 5127 - Emanuelle Cintra - Turma 603

A lenda da chuva

Há muitos séculos existiam duas irmãs, Honk e Nonk. Honk era a mais velha e Nonk a mais nova. Honk era a deusa do céu e Nonk, deusa das nuvens.

Todos os dias elas entravam em conflito, e a irmã mais nova sempre saía perdendo.

Certo dia, quando Honk e Nonk estavam brigando, Nonk ficou tão brava que pegou um pedaço do céu e jogou em sua irmã, que começou a chorar. No mesmo instante, muitas nuvens começaram a se formar, desceram para o céu e não paravam de chegar dia após dia. Delas, começou a cair água e, assim, choveu pela primeira vez.

Aluna 5110 - Laís Monteiro - Turma 601

O primeiro peixinho dourado

Todas as noites, um peixinho ficava a observar as estrelas, admirando a beleza do enorme brilho que elas têm. Ele sonhava em poder brilhar como elas algum dia. O peixinho tinha escamas cinzas e sem vida, e vivia triste, pois queria ter uma bela cor também, mas sabia que não seria possível já que havia nascido assim, então, mesmo triste, se conformava em apenas admirar a beleza daqueles astros.

Um dia, estava novamente o peixinho esperando o cair da noite quando, já no pôr do sol, começou a chover fortemente. Ele ficou por muito tempo na chuva esperando as estrelas aparecerem, mas as nuvens escuras estavam cobrindo todo o céu. O peixinho chorou muito, pois pensou que não veria mais as estrelas. A sua tristeza foi tão intensa que uma estrela o ouviu chorar.

Ao ver o sofrimento daquele peixe, ela resolveu passar pela terra. E assim foi, a estrela cadente correu para ver o peixinho e, ao passar bem pertinho da terra, o escutou dizer “Como eu queria brilhar como as estrelas, eu seria tão mais feliz, elas são tão bonitas, por que não posso ser belo como elas?”.

Então, a estrelinha cadente resolveu presentear o peixinho e, na manhã seguinte, ele havia se tornado um belo peixe com escamas douradas e muito, muito brilhante. Ele ficou tão feliz que não pôde segurar a emoção, seu grande sonho tinha se realizado!

No fundo do coração ele sabia que havia sido uma estrela que realizou seu desejo, então ele disse para os outros peixes que se desejassem muito uma coisa, aquilo poderia se realizar. E assim, surgiu o primeiro peixinho dourado.

Aluna 5192 - Alice Oliveira - Turma 601

Conversando a gente se entende

Conversando temos trocas interessantes,
Temos ideias triunfantes,
Temos momentos pensantes,
A gente descobre coisas diferentes,
Coisas que mudam a gente,
Coisas que fazem a gente pensar diferente.

Nós entendemos o lado do outro
E o outro entende o nosso lado.
Tudo que pensamos muda,
Tudo que vemos muda,
Nossa forma de interpretar a vida
Se torna diferente.

Uma conversa pode parecer sem graça,
Mas quando prestamos atenção...
Até nossa forma de pensar às vezes muda,
Mas quando escutamos com os olhos, ouvidos...
Mas também com a vida e com o coração...
Em uma simples conversa,
A gente se entende.

Aluna 5160 - Carolina Lopes - Turma 602

Diga, para que brigar?

Diga, para que brigar,
se vai se machucar?

Pois na vida é assim,
não é por ti nem por mim.

Apenas pare e veja,
a pura beleza da natureza.

Na guerra não há felicidades,
prejudicam e destroem cidades.

Na guerra existem crimes,
pessoas se dividem em times.

Em brigas há a desunião
e atos que geram decepção.

Humanos são sombrios
fazem atos cruéis e frios.

Porém há pessoas boas
ainda puras como lagoas.

Por esse motivo, então,
seja bom com o coração.

Agindo como gente,
conversando tudo se entende...

Aluno 5136 - Mota - Turma 603

7º ANO

Com a mão no volante, sem medo de se aventurar

As pessoas têm medos, todo mundo tem, e eu tenho o meu: estradas. Nunca é tarde para perder o medo e entrar em uma grande aventura. Eu, minha vó Núbia Silveira, minha dinda Janete e minha tia Bárbara tomamos coragem e entramos em uma longa e divertida viagem sem data de retorno. O nosso destino era o Uruguai, com uma passagem rápida na Argentina.

Nós planejamos tudo, pesquisamos muito o tempo todo. Pegamos a BR-290 e a BR-116, as estradas eram perfeitas. Após sair do Rio Grande do Sul, fomos para as cidades uruguaias de Montevideú, Colônia del Sacramento, Punta del Este e Chuy. Visitamos vários museus, parques de diversão e muitas praias lindas. Com certeza minha tia tirou muitas fotos.

Na volta para casa ficamos em Pelotas e aproveitamos para pegar um catamarã e ir para Buenos Aires. Lá, fomos perseguidas por um velho, ficamos presas em um elevador, nosso carro parou no meio da estrada, mas isso foi motivo de muitas risadas. Admito que primeiramente achei que a decisão de ir para Buenos Aires fosse uma recaída, mas não, era um ato de prudência e isso só aumentou mais ainda a nossa aventura.

No final, tudo ocorreu como esperado e, com muita tranquilidade, a viagem foi totalmente demais. E o que mais eu achei interessante foi como ninguém ficou com medo.

Espero que possamos repetir mais vezes essa aventura! Agora que perdi o medo de dirigir em estradas, ninguém me segura!

Aluna 4993 - Lucho Noronha - Turma 701

A tumba de ouro

Em uma tarde de verão, havia recebido um convite para participar de uma importante expedição no Egito. Um grupo de historiadores estava se preparando para investigar uma antiga pirâmide desconhecida. Eles queriam um especialista no assunto, por isso me convocaram.

Partimos no dia 19 de dezembro de 1982. Eu estava com um frio na barriga, pois sabia que era arriscado entrar em um local jamais estudado, mas compreendia a necessidade de tal pesquisa.

Recém chegamos e já saímos montados em nossos camelos em direção à pirâmide. Depois de uma hora, estávamos diante da maior estrutura egípcia já encontrada! Fui o primeiro a entrar e, conforme o grupo ia chegando, encontrávamos cada vez mais coisas estranhas nas paredes.

De repente, quando todos já estavam dentro da pirâmide, a porta de pedra se fechou e ninguém conseguia abri-la. Até que decifraram a seguinte frase escrita nela: “A tumba de ouro deverá encontrar, para então se libertar!” Nesse momento, saímos em busca da tumba. Passamos por vários corredores, até que, quando eu já tinha desistido, vi uma luz dourada vindo de uma sala. Entrei nela e encontrei a tumba, a qual estava trancada. A chave estava na mão de uma múmia, grudada na parede. Com muito medo, fui até ela e peguei a chave. Quando abri a tumba, achei milhares de tesouros junto com o corpo de um faraó.

Peguei algumas joias e chamei o grupo. Ao chegarem, um túnel se abriu e finalmente conseguimos sair da pirâmide! Voltei para o meu país famoso e conhecido como: “Alex, o herói da tumba de ouro”.

Aluna 4976 - Luíza Morbeck - Turma 701

O Capitão e o Milk Hand

Há muitos anos, na era dos piratas, navegar pelos mares com barcos era bem comum. Todos estavam em busca de tesouros perdidos, mas principalmente do Milk Hand, um baú com as joias mais preciosas, que poderiam vender a própria Terra por elas.

Existia uma tripulação chamada *Os Pernas de Pau*, comandada pelo capitão Will. Estavam navegando por exatamente três dias e duas horas. Vender foi ver se havia terra por perto. Depois de um tempo sem ver nada, ele começou a gritar:

– Terremoto! Terremoto!

Will riu dele, pois como poderia ter um terremoto na água? Logo depois o barco começou a tremer cada vez mais forte.

– Tsunami! Tsunami! – disse Vender, desesperado.

Eles ficaram imóveis, como se já tivessem aceitado a morte. O tsunami destruiu o barco em segundos.

Will sobreviveu e acordou em uma ilha sem nenhum arranhão e pensou que já estava morto. Ele viu três tigres famintos o cercando, foi quando percebeu que estava vivo de verdade. Mas chegou um bando de leões, ele conseguiu aproveitar a briga e saiu correndo para a floresta.

Era cheia de animais selvagens, então, Will teve que ir silenciosamente. Ouviu um barulho na mata e correu em direção a uma montanha e isso acabou chamando a atenção de quase metade da floresta. Por um centímetro, o pé do capitão não virou comida de lobo. Mesmo assim, subiu a montanha e foi despistando os animais.

Conseguiu chegar ao topo da montanha, exausto e aliviado, até triste, porque não viu os seus tripulantes desde o tsunami. Olhou para o lado e lá estava o grande poderoso Milk Hand. O baú estava destrancado e Will abriu, feliz. Dentro dele havia uma escolha: as joias ou voltar ao passado e salvar seus companheiros. Ele sabia que se escolhesse a primeira opção não escaparia vivo da floresta, então voltou ao passado e mudou a rota do barco, salvando todos da tripulação *Os Pernas de Pau*.

Aluno 5132 - Medeiros - Turma 701

A aventura de Kaleb

Em um grande óasis do Egito antigo, havia um reino de riqueza inestimável. Abdul era o seu rei, e seu primeiro filho era o príncipe Kaleb, um jovem casado com grande amor pela sua família.

Certo dia, ocorreu um ataque ao palácio, e a mulher do herdeiro do trono fora raptada. Tomado pelo ódio, Kaleb montou no mais rápido de seus camelos e iniciou uma sorrateira perseguição. Ao chegar perto do esconderijo inimigo, tomou uma decisão arriscada, derrubar um capanga dos sequestradores, roubar suas roupas e se passar por ele. Assim foi feito, passados cinco minutos, o príncipe já estava dentro da base dos meliantes.

Ele ficou infiltrado por dias e descobriu que os bandidos tinham a intenção de devolver a dama em troca de joias e especiarias. Então, na noite que antecedia a proposta, ele deu a sorte de ser escalado para alimentar a prisioneira. Ao encontrar sua mulher, chorou de emoção. Enquanto ela comia, ele planejava algo para que pudessem escapar.

Quando sua amada acabou de comer, Kaleb contou seu plano. Eles iriam fingir uma revolta e o príncipe, como castigo, ia supostamente amarrar a rebelde do lado de fora da base para sofrer o calor do deserto. Tudo ocorreu como o planejado.

Já do lado de fora, correram para os camelos como se não houvesse amanhã. Quando chegaram aos animais, já não havia possibilidade de serem alcançados, então aproveitaram para conversar enquanto voltavam montados pelo deserto que cercava o reino onde moravam.

Aluno 5023 - João Arnold - Turma 704

A aventura na floresta

As férias haviam chegado, e Pedro, mais animado do que nunca, decidiu chamar os seus amigos para a praia. Ele estava tão animado, mal sabia as aventuras que ele iria passar.

Quando os jovens chegaram, logo viram um barco abandonado, visivelmente sem dono. Então, Pedro e seus amigos tiveram a ideia de ir para uma floresta litorânea com aquele veículo. Eles embarcaram e foram explorar, com os corações indecisos, contudo, esperançosos de fazer uma grande descoberta.

Ao chegarem na floresta, ficaram deslumbrados. Viram árvores frondosas e plantas exuberantes. Ouviram a forte brisa e os ruídos de diversos animais. Depois de explorarem bastante, os jovens decidiram voltar. Quando, de repente, perceberam que tinham esquecido de ancorar o barco. Desespero e aflição consumiam a alma deles e não sabiam como voltar. Por sorte, o grupo de amigos encontrou uma aldeia indígena que os ajudaram a voltar para a beira mar.

Assim, Pedro e seus amigos lembraram dessa grande aventura para o resto de suas vidas. Eles aprenderam a se divertir com cautela e não agir por impulso. Até os dias atuais, sempre que vão naquela praia, se recordam da grande aventura que vivenciaram na floresta.

Aluno 5001 - Davi Delgado - Turma 704

Em busca do oásis

Em um deserto escaldante, estavam Alli, seu amigo, Kila, e seu dromedário. Eles estavam à procura de um oásis para poder escapar daquele calor infernal.

Alli e Kila adoravam explorar lugares novos, diferentes e desconhecidos. Ambos já subiram a mais alta montanha, mergulharam no mar mais profundo, se aventuraram na floresta mais perigosa e agora, portanto, apenas faltavam-lhes conhecer o deserto mais desafiador.

Os amigos e o dromedário estavam passando por dificuldades rigorosas, a água do cantil havia se esgotado, não encontravam o bendito oásis. Então, a única escolha foi entrarem numa pirâmide e ver se encontravam algo. Depois de adentrarem-na, perceberam que aquela era a tão famosa pirâmide de Afrodite. Estavam rodeados por armadilhas e câmaras secretas que poderiam levá-los a algum tesouro. Como qualquer explorador faria, começaram a se aventurar.

Quando encontraram a primeira câmara, foi surreal, flechas disparando em direções diferentes, cobras despencando do teto e o chão tremendo sem parar. Acharam o fim daquela sala de horrores e chegaram em um cômodo que não havia nada. Portanto, voltaram à trajetória inicial, procurar o oásis.

Estava no fim da noite, ou seja, precisavam correr para não passarem por aquela quentura quando o sol nascesse. Quanto mais os amigos adiantavam o passo, mais o sol brilhava e a temperatura aumentava. Seu dromedário já não estava suportando o clima e, contudo, houve uma avalanche de areia (só para piorar a situação), tudo isso para apenas chegarem ao paraíso. Não aguentavam mais, porém, quando eles menos esperavam, encontraram um oásis magnífico.

Eles se refrescaram, descansaram e relaxaram até decidirem qual seria o próximo destino.

Stut e os lenhadores

Em uma floresta, que estava sendo desmatada, havia uma grande colônia de esquilos, eles estavam coletando nozes para terem alimento no inverno, que chegaria em pouco tempo. E, por possuírem pouca comida, durante todo dia, a maior parte deles estava correndo e pulando pelas árvores.

O chef Arold havia saído com um grupo de esquilos para espantar os lenhadores, que já esperavam esse ataque. Por isso, colocaram veneno nas árvores ao redor de seu acampamento. Nenhum dos esquilos voltou, e foi então que o filho do chefe, Stut, passou a comandar a colônia.

Com pouco alimento e a colônia desesperada, ele estava perdido. Sua mãe havia morrido há muitos anos, e agora seu pai também. Estava muito triste, mas sabia que não poderia parar.

No final do dia, ao pôr do sol, eles saíram para coletar comida, que já era consumida instantaneamente. Noite após noite ele ficava mais preocupado, o inverno chegou e eles não tinham alimento suficiente. Quando receberam a grande notícia.

Um esquilo que tinha acabado de voltar de uma coleta falou, ofegantemente, que os lenhadores tinham uma caixa cheia de nozes. Stut chamou seus melhores esquilos e fizeram uma emboscada, rasgaram as tendas, roubaram a comida e recuperaram as nozes. Quando os lenhadores voltaram, não tinham mais seu abrigo, perderam a comida e as nozes que seriam vendidas.

Estavam famintos e sem proteção. O inverno chegou e eles morreram de fome e congelados, enquanto Stut e sua colônia tinham comida suficiente para muitos invernos.

Aluno 5017 - Vitor - Turma 703

Abrindo portas para o crime

Leo, após faltar tantos dias no trabalho em função da investigação, voltava à sua função de *bellboy*. Embora já estivesse atendendo pedidos e carregando malas pelo Emperor Park Hotel, sua mente mantinha-se no sequestro de Alfredo.

Guima, porteiro do luxuoso hotel e amigo de Leo, parecia inquieto sempre que tocavam no tópico, evitando qualquer comentário ou pergunta. No intervalo, depois do almoço, o jovem detetive encurralou Guima, perguntando secamente o que fazia na noite do sequestro. O porteiro explicou que à noite sempre fazia hora extra, precisava de dinheiro para a cirurgia de sua mãe. Pareceu extremamente triste e pediu para Leo guardar segredo, pois tinha vergonha.

Satisfeito e com remorso, Leo retirou-se da conversa. Foi checar com a recepcionista se o porteiro ficara até mais tarde nessa última semana. Para sua surpresa, Guima não faltou só a hora extra, como também teria faltado ao trabalho. Inquieto, o jovem começou a ligar os pontos. Sabia que o porteiro não possuía carro, mas o hotel disponibilizava vans de turismo. A costureira do hotel oferecia os mais diversos uniformes, alguns totalmente pretos, com lenços, chapéus e luvas. Também fora porteiro dos mais ancestrais prédios do bairro, abrindo possibilidade de ter as chaves de imóveis abandonados.

Decidiu checar as gravações, que confirmava a saída de uma das vans na noite do crime. Leo pegou a fita cassete com as gravações, pediu permissão para sair mais cedo e foi correndo para a casa de Gino. Ligaram para Doutor Arruda, perito policial, que no dia seguinte interrogou Guima. Após ameaçarem envolver sua mãe no caso, o porteiro confessou o crime. Doutor Arruda o prendeu em flagrante, e diversas viaturas já se prontificavam para fazer o resgate de Alfredo, localizado numa antiga pousada abandonada.

Mais uma pista

Estava por duas semanas trabalhando no rapto do Alfredo. Eu nunca havia ficado tanto tempo em um caso e todos desconfiavam. Já era motivo de piada pelas pessoas do bairro. Para mim, teria sido fácil achar criminoso. Mas muitos pareciam suspeitos. O senhor Marino e o Enrico eram os principais. Tinham razões de sobra, mas poucas provas.

Sentado em meu escritório, o telefone tocava. Era o meu assistente, Stuart:

– Doutor Arruda, os policiais acharam mais pistas. No quintal da casa dos Carlucci foi encontrado um rádio de bolso bem diferente. Importado da Alemanha!

Agradei pela pista e deixei o volume do celular no máximo, caso houvesse outra ligação. O objeto não era de posse de Alfredo nem de sua família. Agarrei-me fortemente a essa pista. O rádio não fora vendido fácil. Pertencia a alguém bem rico ou que não tinha ninguém. Agora meu maior suspeito era o senhor Lazzari.

Levei o empresário para a delegacia e o interroguei. Ele parecera muito nervoso e eu soube aproveitar dessa fraqueza. Confessara tudo. Tinha raptado o Alfredo para lucrar mais. Os discos do garoto estavam vendendo muito e ainda iria ganhar dez milhões! Lazzari, ao ser levado pela polícia, falou onde a vítima estava. O pobre menino Carlucci foi finalmente solto e o sequestrador preso na cadeia.

Aluna 4978 - Maria Luísa - Turma 703

O alerta dos robôs

Fui acordando aos poucos. Quando meus olhos abriram, a primeira coisa que eu vi foram dois robôs. Eles pareciam uma versão atualizada dos que eu havia criado. Tinham olhos amarelos de metal e um corpo cilíndrico prata. Só depois percebi o local à nossa volta: uma cidade deserta. Voltei a minha atenção para os robôs quando um deles começou a falar:

– Somos a geração de robôs pós-você. Estamos em 2627. Na minha época, meu inventor criou robôs capazes de viajar no tempo. Nesse período, os robôs dominaram o mundo. Eles mataram todos os humanos e se tornaram independentes. Achamos que os seus protótipos de inteligência artificial foram os responsáveis por isso.

– O quê? - eu disse espantado - Como assim eu fui a causa disso? O que posso fazer para mudar as coisas?

– É isso que iríamos dizer. Você tem que destruir seus projetos. Os seus robôs ainda não têm independência dos humanos, então não terá que destruir nenhum, mas qualquer indício de algo parecido terá que ser extinto. Outra coisa, diga isso ao seu neto, ele que nos criou e nos mandou falar com você. Agora vá!

Eles me mandaram de volta para o meu tempo e imediatamente destruí os meus projetos. Eu gostaria de dizer na hora para o meu neto o que aconteceu, mas ele não tinha nascido. Cinco anos depois, ele veio ao mundo e, quando teve a idade certa, contei.

Aluna 4987 - Sofia Sá - Turma 701

Aviso do futuro

Quando era jovem, fui financiado por um laboratório para criar robôs que iriam ajudá-los em suas pesquisas. Porém, de alguma forma, eles atingiram sua inteligência máxima, a ponto de serem capazes de criar uma máquina do tempo.

Depois de muitos anos, acordo um dia sendo levado ao futuro pelas minhas criações. A primeira coisa que percebi ao chegar no ano de 2066 foi que não havia nenhum humano. Como pensei, os robôs acabaram com a humanidade para viver sozinhos no mundo, mas, se isso é verdade, por que estou aqui? O mundo sem humanos não era como imaginei, era muito belo, na verdade. Só havia a natureza, eu e três robôs.

Max, minha primeira criação disse:

– Nós precisamos de você!

Fiquei emocionado ao ouvi-lo e curioso para saber sobre meu papel ali. O primeiro robô me explicou que eles nunca fizeram nada de mal com a humanidade, pelo contrário, tentaram salvá-la algumas vezes, mas não tiveram êxito.

– Mas se não foram vocês, então quem foi? – perguntei com uma voz trêmula e cheia de medo.

– Vocês, humanos, foram sua própria ruína! – respondeu Max.

Outro robô me explicou que os humanos morreram devido a catástrofes causadas pela maneira inconsequente que utilizavam a natureza e que, depois de algumas tentativas, a maioria dos robôs desistiram de ajudar. Então, os três robôs roubaram a máquina do tempo e foram buscar minha ajuda.

Depois de ouvi-los, decidi que a melhor forma de a humanidade saber seria avisando-os sobre o futuro. Por isso, hoje, no ano de 2030, eu conto essa história como um alerta para o que nos aguarda caso continuemos a usar os nossos recursos de forma irresponsável.

Aluna 5007 - Yasmin Pires - Turma 701

Novo mundo

Em 2032, eu e toda minha equipe de robótica, constituída pelos melhores engenheiros mecatrônicos do mundo, criamos uma nova tecnologia, altamente inteligente, capaz de realizar coisas muito além da capacidade humana. Ela foi encapada por uma estrutura metálica, portanto, era um robô, mas se assemelhava ao corpo humano.

Quatrocentos anos depois, quando toda a espécie humana já estava extinta, os robôs continuavam evoluindo e agora reinavam sobre a Terra, tornando-a cada dia mais evoluída e diferente do que era há quatro séculos. Porém, eles sabiam que o planeta Terra não havia sido criado pra máquinas, mas sim, para os humanos, os quais poderiam salvar a vida e a natureza (que estava destruída). Então, quatro robôs viajaram no tempo, através de uma máquina desenvolvida por eles mesmos, e foram à minha procura, o único engenheiro mecatrônico que restava vivo em 2053.

Ao me encontrarem, já idoso, no ano de 2053, me agarraram e me levaram com eles para o futuro. Ao chegar lá, me surpreendi com o novo mundo que o planeta Terra havia se tornado, cheio de construções altas, carros voadores, naves, estradas submarinas. Então, só restava uma coisa a se fazer, convocar os robôs para que estes viajassem no tempo novamente e trouxessem um par de cada animal, no mínimo cem humanos e mudas de diversas vegetações. Os robôs ligeiramente obedeceram e, dentro de alguns meses, estava tudo pronto. Construimos uma cidade onde os humanos viveriam, se multiplicariam e depois de muito tempo, voltariam a reinar sobre a Terra com a ajuda dos robôs.

Assim, meu trabalho estava concluído, todas as pessoas viviam bem no novo mundo, até então. Estavam aos poucos procriando e os animais também, sendo todos protegidos pelos robôs, os quais sempre serão lembrados por ajudarem na restauração da humanidade.

Aluna 4976 - Luiza Morbeck - Turma 701

Uma viagem no tempo

Era uma manhã de domingo e eu estava na minha casa, trabalhando em alguns projetos de robôs, quando abriu um portal na minha sala. Fiquei assustado quando percebi que os robôs que eu havia criado estavam dentro dele. Eles me puxaram e, assim que eu entrei, notei que era um portal que conectava linhas temporais diferentes. Quando cheguei no futuro, recebi um pedido estranho dos robôs: eles queriam que eu trouxesse os humanos de volta à vida. Foi nesse momento que percebi que era o único ser humano presente naquele lugar. Era uma tarefa difícil e eu era a única esperança.

Os robôs me levaram até um laboratório no qual eu comecei a desenvolver alguns projetos. O que mais me agradou foi o de reviver o último ser humano a morrer. Aos poucos, notei várias falhas e dificuldades para executar o meu plano, mas foi quando estava prestes a desistir que tive minha melhor ideia: retirar um pouco das minhas células e formar seres humanos em uma máquina multiplicadora de matéria. Por sorte, o meu plano havia dado certo e em pouco tempo eu havia criado milhares de humanos.

Os robôs decidiram me levar de volta para o passado. Eu pensei que estava tudo resolvido. Um mês após meu retorno à minha linha temporal, outro portal havia se aberto em minha casa e, dessa vez, eram os humanos que eu criara tentando me levar. Era visível que estavam apavorados e pedindo ajuda. Voltei para o futuro e vi algo que me desagradou. Os robôs que havia criado estavam fazendo os seres humanos de escravos. Não foi para isso que eu havia feito máquinas tão inteligentes! Pulei no portal e corri até o cômodo onde os guardava. Peguei um galão de gasolina e um isqueiro e coloquei fogo em todos os robôs e projetos.

Sem robôs no passado, não haveria robôs no futuro e assim, a humanidade estaria livre de sua extinção e/ou escravização.

Salvador, 10 de outubro de 2022

Caro August,

Sou Maria Luísa, aluna do Colégio Militar de Salvador e leitora assídua de diversos livros famosos. Venho por meio desta carta te agradecer.

August, eu conheci sua história por meio da escola e me emocionei muito com ela. Você é um menino muito corajoso. Sempre esteve forte nos seus piores momentos e serviu de exemplo para muitas crianças.

Ler o seu livro me inspirou a ser eu mesma, a procurar amigos verdadeiros e ficar próxima da minha família. Aprendi a ser mais compreensiva como as pessoas e que, independentemente da aparência, elas podem ser legais.

Admiro sua atitude. Foi muito bonito o modo como você perdoou o Jake depois de tudo o que ele fez. Eu fiquei bem feliz.

Por fim, queria falar que gostei do livro. Indico a todos que queiram ler algo diferente. August, continue sendo o menino que eu conheci na história e nunca mude sua essência por ninguém.

Grata,

Maria Luísa.

Aluna 4978 - Maria Luísa - Turma 703

Salvador 26 de outubro de 2022

Caro Jack,

Sou Helena Bomfim, estudante do Colégio Militar de Salvador, fui convidada pelo R. J. Palácio para julgar as suas atitudes no livro *Extraordinário*.

Você foi de grande importância no início do ano escolar de August, pois ele nunca havia entrado e estudado. Ajudar alguém, portando ou não alguma deficiência é sempre um ato admirável.

Porém, no Halloween, você não provou o mesmo. Conversando com os *bullies* e caçoando da aparência de August foi uma facada nas costas dele. Entretanto, percebo que após esse ocorrido, você se arrependeu e amadureceu. Como vi no acampamento, você, mesmo em desvantagem, defendeu a Auggie dos meninos do sétimo ano, isso se repetiu também na cena do corredor quando você enfrentou os *bullies* de August.

Resumindo, admiro muito seu personagem. Acredito que você teve um amadurecimento no decorrer da história.

Atenciosamente,

Helena Braga Bomfim.

Aluna 4972 - Helena Bomfim - Turma 703

Salvador, 13 de setembro de 2022

Olá, Paulo Sérgio Fernandes!

Eu, Paulo Guilherme, sou um aluno do Colégio Militar de Salvador. Li a matéria “Vício virtual” e considero muito importante tudo que você relatou, mas tenho uma opinião para ressaltar.

Os jovens de hoje estão realmente muito grudados na internet, porém, a reportagem me fez notar que ela não é muito boa para a nossa saúde. Tem pessoas que ficam mais de 15h por dia jogando e isso pode prejudicar a postura e a visão.

No começo, quando ganhei meu celular, nem queria comer para ficar mais tempo jogando. Com o passar dos dias, minha avó morreu, com isso eu descobri que a vida é curta e resolvi passar mais tempo com minha mãe, fazer brincadeiras com ping-pong, que gosto muito de jogar.

Muitas pessoas ainda fazem o que eu fiz, por nossa geração ser mais tecnológica, mas a gente tem que aproveitar o tempo com os nossos familiares. Hoje em dia, eu também jogo o gamer que vai montando o time, mas bem menos do que antes. Prefiro ficar conversando com meus amigos que é bem melhor do que jogar sozinho.

Sendo assim, agradeço imensamente a contribuição que sua reportagem deu para minha mudança de postura frente ao tempo de utilização da tecnologia.

Abraços,

Paulo Guilherme.

Aluno 4974 - Paulo Guilherme - Turma 703

Salvador, 13 de setembro de 2022

Caro Paulo Sérgio Fernandes,

Sou Yasmim Mascarenhas, aluna do 7º ano e leitora das reportagens da ORG. Gostei muito de “Vício viral”, porém senti falta das possibilidades de cura deste transtorno, por isso escrevo esta carta.

Após a leitura da matéria, fiquei confusa sobre como funciona este transtorno e como podemos evitá-lo, pois no texto só foi apresentado o caso de David, que por sinal, intrigou-me bastante. Queria também que o senhor explicasse como poderíamos usar as mídias e os jogos sem que corramos risco de ficarmos com a doença. Quem sabe o senhor não use a minha dúvida para uma próxima reportagem.

Como sou adolescente, preocupo-me se isso não ocorrerá comigo algum dia, já que sou jovem e sou mais vulnerável às mídias e não resisto a algumas horas no videogame. Gostaria de comentar mais a fundo sobre o caso de David, impressionou-me o fato de um adulto ficar viciado em algo que muitas pessoas de sua idade não gostam.

Por fim, parabênizo o senhor pela reportagem! Também agradeço pelas informações. Continue sempre escrevendo sobre conteúdos muito interessantes para todos.

Atenciosamente,

Yasmim M. dos Santos.

Aluna 5253 - Yasmim Mascarenhas - Turma: 703

8º ANO

Nomes de profissões

Certa noite, um médico estava dando seu plantão da madrugada, quando um jovem de boa aparência chegou em uma ambulância. Aparência no sentido de postura, roupas... já que ele mesmo estava pálido e com um grande corte na perna. O doutor então foi consultá-lo:

– Boa noite, senhor! Sou o doutor Jobervaldo e vou limpar e costurar seu ferimento. Você vai sentir uma agulh...

O plantonista foi interrompido rapidamente pelo paciente:

– Peraí!... Jobervaldo? Você vai remendar minha perna com cimento? Porque Jobervaldo é nome de pedreiro. Só falta me dizer: “É pra já, meu patrão!”

Jobervaldo, muito assustado respondeu:

– Pensei que era medicina por amor, e não medicina por nome.

O rapaz retrucou:

– Meu caro, todos sabemos que cada profissão tem um nome proporcional. Leonardo é nome de pintor, Carlos é nome de advogado, Olívia é nome de diretora, Liliane Aquino é nome de professora...

Aqui tem algum médico com nome de médico?

O doutor, já dando risada, respondeu:

– Por incrível que pareça, meus colegas de profissão que estão dando plantão na emergência, nesse momento, são: Clotilde, a enfermeira, Lexana, a residente e Agnobervaldo, o cirurgião.

O jovem, então, ficou chateado:

– Misericórdia! Chama o seu Manuel, que é nome de motorista de táxi, porque a ambulância errou a rota do hospital e me deixou numa obra.

Porém, como estava sentindo muita dor, o paciente resolveu ignorar seus princípios de nomes e permanecer ali. Quando fora passar seus documentos para a enfermeira, o médico ficou no canto, escutando-a falar:

– O plano de saúde é o PSJP, plano de saúde dos jardineiros da prefeitura. E o nome que está na carteirinha é Louis Arthur William Oliver...

– Isso mesmo, respondeu ele, só não esquece que William tem dois “l”.

Aluna 4770 - Juliana Menezes - Turma 801

O taxista desconfiado

Era um dia normal de trabalho para o taxista local, até que ele foi acionado por sua empresa para apanhar uma pessoa numa área da cidade onde poucas moravam e, ainda, parecia abandonada.

Quando chegou ao local, o motorista começou a dirigir devagar, pois o dia estava nublado e ele não conseguia ver nada. Depois de um tempo procurando o cliente, ele avistou um homem no quintal de uma casa agindo de forma suspeita: parecia que estava enterrando algo muito grande.

Após ficar um tempo observando o cidadão, o taxista percebeu que ele estava com a roupa manchada de vermelho. Isso já foi o suficiente, o motorista tinha certeza de que ele havia assassinado uma pessoa e estava enterrando o corpo. Tentou ligar o carro desesperadamente para fugir, mas não conseguia.

Enquanto isso, o suposto assassino olhou ao seu redor, percebeu que o taxi já tinha chegado e estava esperando-o, então largou a pá e correu em direção ao carro.

O taxista viu o homem vindo em sua direção e pensou que era o seu fim. Quando o cidadão se aproximou do carro, disse:

– Ainda bem que você chegou, tenho compromissos e não quero me atrasar.

– Você nunca me pegará, seu assassino – disse o taxista, enquanto apontava a chave do carro em direção ao homem.

– Assassino? Eu não sou assassino, meu amigo – disse confuso.

– Então, o que você estava enterrando? E por que sua camisa está suja de vermelho? – perguntou o taxista.

– Eu estava apenas enterrando um tomate estragado que havia sujado a minha roupa e que servirá de adubo para a plantaçãõ – respondeu o homem.

Aluno 5056 - Pedro Esteves - Turma 802

Escolha de vida

Estava tão cansado que quase dormia. John havia se esforçado muito nesses últimos dias, afinal, o trabalho de um policial é incessante. Ele estava na delegacia terminando um relatório quando, de repente, recebeu uma ligação. Era um amigo que ele não via há muito tempo. Havia estado muito ocupado nesses últimos anos, por isso não manteve contato. Seu amigo tinha se tornado um engenheiro de sucesso, tinha uma família e uma renda estável. Quanto mais eles conversavam, mais John percebia o contraste entre as suas vidas. Estudaram no mesmo colégio e acabaram em realidades tão diferentes. Tudo porque ele escolheu ser um policial.

Inesperadamente, tocou um alarme. Era um roubo a dois quarteirões de distância. Rapidamente John se despediu de seu amigo e foi fazer seu trabalho. Quando chegou ao local, houve troca de tiros entre os policiais e os bandidos. Aquilo parecia que não teria fim, até que, subitamente, os tiros pararam. Desconfiado, John foi até o local onde os meliantes estavam. Havia feito uma garotinha de refém. O último bandido, de pé, segurava a menina pelos braços, ambos desesperados. John, cheio de coragem, mas apreensivo pela garota, foi discretamente para trás do bandido e conseguiu nocauteá-lo antes que ele fizesse algo com ela. O clima de tensão havia se transformado em alívio.

Após isso, os reforços chegaram e prenderam os responsáveis por aqueles atos ilegais. John, já cansado, estava ligando o carro para voltar à delegacia, quando a menina, junto com sua mãe, foi até ele para agradecê-lo pelo seu heroísmo. Aquele simples gesto e o olhar inocente, mas agradecido da garotinha, fizeram-no lembrar do porquê havia se tornado policial. Nunca foi por ambições próprias ou por dinheiro. Ele havia se tornado policial para salvar vidas, para dar esperança ao povo.

Aluno 4785 - Leduc - Turma 802

O herói com uma caneta

O profissional de educação é extremamente desvalorizado no Brasil. Nós, que ajudamos a construir o conhecimento e o caráter dos alunos, somos constantemente esquecidos das citações como profissionais de destaque. Recebemos salários muito inferiores aos dos médicos e advogados, mesmo sendo nós que os ensinamos durante suas vidas.

Passamos cinco anos nos graduando e muitos anos nos aperfeiçoando para nos diminuirmos tanto. Quando não estamos dando aulas, estamos criando-as, planejando o semestre entre tantos outros afazeres. Domingo passado, por exemplo, estava montando os slides da aula do dia seguinte quando ouvi uma voz feminina gritando meu nome na portaria do meu prédio. Era a mãe de um aluno pedindo que eu adiantasse o assunto da reunião do dia seguinte, já que ela não poderia comparecer por estar trabalhando.

Naquele mesmo dia, depois de dizer à mãe que aos domingos não trabalho, saí para jantar. Estava desfrutando um delicioso jantar em família quando uma aluna me viu e foi me cobrar a entrega de uma prova. Já no dia posterior, a tal aluna resolveu comentar como a vida de professor era fácil, visto que eu estava me divertindo na noite anterior. É cada comentário!

Mas todo esse sufoco e desvalorização tornam-se pequenos ao encontrar um homem adulto e ele vir me abraçar e dizer que eu mudei sua vida. Meu aluno de quinze anos atrás veio me agradecer pelas crônicas que eu escrevia desde a sua época, que tanto o alegrava e, mais que isso, os conteúdos e ensinamentos que o tornou um médico renomado.

Aluna 4781 - Juliana Bello - Turma 804

Dia dos professores

Lá estava Rose, desfilando pelos corredores da escola com seu salto alto e vestido floral. Ao chegar na porta de sua sala foi surpreendida por seus alunos com aplausos.

– Feliz dia dos professores! – gritaram com alegria, emocionando a docente – Gostaríamos de agradecer por tudo que a senhora já fez e ainda faz por nós. Saiba que seu esforço nunca passou despercebido.

Rose, educada e delicada, não costuma deixar suas emoções a dominarem. Mas nesse dia foi diferente. Mal percebeu que algumas lágrimas escorreram por seu rosto.

Por incrível que pareça, as surpresas ainda não haviam finalizado, as crianças a presentearam com um buquê de rosas, “quase tão belas como a senhora, professora”.

Após tantas homenagens e demonstração de carinho, Rose com palavras encantadoras, agradeceu aos seus amados alunos. No fim de seus agradecimentos, todos correram para abraçá-la. Ela estava maravilhada!

– O dia iniciou repleto de emoções, sou grata por isso! Mas, agora precisamos dar início à aula. Abram na página onze, por gentileza – disse, com um sorriso radiante.

Ao finalmente começar a aula, percebeu que alguns dos seus alunos estavam se distraíndo e conversando. Mal prestaram atenção no que a mulher falava, ou pelo menos, tentava falar.

Foi nesse momento que Rose aprendeu uma importante lição: as palavras são uma forma rasa de demonstrar afeto, o que realmente “levamos para o coração” são as ações.

Aluno 4787 - Laryssa Silva - Turma 803

Direito e deveres

Juca, um garoto humilde que residia numa área subdesenvolvida de Salvador, estava a caminho de sua escola. O menino, por conta do esforço de seus pais, estudava em um colégio particular. Mesmo sendo apenas uma criança, reconhecia e admirava o trabalho que sua mãe e seu pai tinham para dar a ele um futuro promissor.

“Bom dia, pessoal! Sentem-se em suas cadeiras, a aula irá começar”. Cantarolou a professora alegremente. Com todas as crianças ocupando as respectivas carteiras, a mulher deu início à sua aula. Em meio à classe, Juca tentava se concentrar, mas alguns barulhos o atrapalhava. Ao procurar a fonte de tal inquietação, viu seu amigo Ricardo rabiscando bruscamente a mesa escolar.

“Por que você está fazendo isso?” Questionou Juca, sendo ignorado pelo colega que fingia não ouvir. Minutos mais tarde, ele percebeu que seu amigo fazia outra atrocidade: o garoto apontava os lápis e jogava os resquícios de sujeira no chão e, por fim, o que deixou Juca ainda mais decepcionado, o menino tirou o chiclete da boca e o fixou embaixo da carteira.

No horário do intervalo, Juca questionou as atitudes de seu colega, e foi surpreendido pelo argumento de Ricardo, “Meu pai paga essa escola, logo, tenho o direito de fazer o que quiser”.

— Cadê seu espírito de cidadania? — questionou Juca ao amigo.

— Espírito de quê?

— Cidadania! É o que precisamos para viver em sociedade. Todos nós, cidadãos, temos direitos e deveres, os quais devemos seguir. Tais aspectos não se englobam apenas na comunidade em si, mas, sim, em todos ambientes legais, inclusive o colégio! — explicou Juca, deixando seu colega envergonhado e arrependido, porém esclarecido.

Juca é um exemplo não somente para seus colegas, mas para a humanidade.

9º ANO

Ó, vício

Ó vício, por que hás de ser tão sedutor e repugnante ao mesmo tempo? Contigo, entramos num ciclo infinito, no qual o tempo parece não fazer questão de andar e a fadiga não é suficiente para nos parar. Desdouro... tu, vício, despertas em nós vergonha tamanha que nos faz imergir ainda mais neste teu universo caliginoso, para que possamos aniquilar da memória o labéu que semeias em nós. Perdidos em ti, somos como bêbados que se embriagam para esquecer que são embriagados. Bebem para preencher o vazio da solidão e ignorar a escuridão de não possuir um simples objetivo para guiar-lhes na imensidão de decisões que fazem a vida ser o que ela é.

Mas tu, vício, eres tão hediondo que nos cativa, assim como a raposa fora cativada pelo pequeno príncipe. A pureza de tal relação desperta no meu ser um regozijo alucinante e uma sede insaciável de apreciar o amor construído entre os indivíduos. Pego-me perdida no magnífico vínculo, maravilhada pela simplicidade contrastada com a grandeza de pequenos gestos e me torno refém de letras e palavras em folhas de papel. Subitamente me rendo, rendo-me a ti, ó criatura que me cativaste. Estou frenética, clamo por mais, ó vício, tão mortal que te tornaste vital para o meu ser.

Aluna 4617 - Gabriela Santos - Turma 901

Efemeridade

Característica do que é breve, momentâneo, finito. Ouso dizer que a efemeridade é o riso salgado da existência. Se tenho uma rosa, colocá-la-ei sob redoma de vidro, mas não posso deixar de irrigá-la e de matar algumas de suas larvas, mesmo que seja espetado por seus espinhos. Pois viver exige que se encare a fugacidade eterna com coragem e ternura.

Quanto mais passa o tempo, mais fácil é me esquecer do cheiro aconchegante da casa dos meus avós, do gosto marcante do meu sorvete preferido, da serenidade de cochilar no ombro de alguém durante uma viagem no carro de minha mãe. Tendo a desaprender o quanto esses momentos importam, pois já senti muitos cheiros, provei outros sabores e estive em vários carros. No lugar, aprendo a valorizar o que é sério, a seguir regulamentos, buscar admiração. Acho que, para entrar no mundo dos que não apertam o nariz contra a janela, nos exigem esse esforço.

No entanto, procurar o livro na poesia como se não tivesse efemeridade faz o tempo de vida passar sem que uma raposa se destaque entre cem mil outras, sem que se possa ouvir quinhentos milhões de guizos ao encarar o céu noturno. Uma vez que tais “inutensílios” estão além do visível e do calculável e, apesar de “correremos o risco de chorar um pouco quando nos deixamos cativar”, os laços são aquilo que colore e dá beleza até à mais efêmera existência.

Aluno 4619 - Hanna Barbosa - Turma 902

Recurso precioso

É o motor da existência
Por ele não param os ponteiros
Maior esplendor, eu creio,
Que se tem ciência.

Há tanto tempo, tempo tanto
De brincar, correr, perder
De tentar, acertar, aprender
Que valorizemos seu encanto.

Onde hoje posso achá-lo?
De qualidade, acompanhado
De descoberta, solitário
Nunca ouso desperdiçá-lo.

Assim, tome conta dos momentos
Que são eternos
Mesmo em sua fugacidade
Assim, os anos cuidarão de si mesmos.

Aluno 4619 - Hanna Barbosa - Turma 902

O tempo escoá

Trancado num quarto
Preso à melancolia
O tempo demorava a correr
Aulas e matérias infindas
Às quais suas fotos ajudavam a sobreviver
E eu só queria me ver livre de novo
Para me prender fisicamente a você.
Mas o tempo atrasava

E eu pensava sobre ele
Ora se faz veloz
Ora é preguiçoso
Mas sempre severo e impiedoso
Sempre atroz se esvai

Enfim, retornei e penso
Que o tempo é bipolar
Pois agora ele vai lento
Mas logo vai mudar
Pois quando tiveres que ir transferida
Nosso tempo escoará
E enquanto ele escoá
Tomo coragem para me confessar

Aluno 4615 - J. Correa - Turma 901

Era uma vez um tempo

Era uma vez um relógio, um pulso de tempo,
Era uma vez um amigo quando custava a passar,
Era uma vez uma preocupação quando pressa havia.
O tempo contado é aquele mais lembrado,
Mas é esquecido o tempo que dura mais tempo do que um pai:
É aquele que se inicia quando nascemos e para quando morremos.

Era uma vez um bebê que acabara de nascer,
Era uma vez um tempo que acabara de acompanhá-lo,
Era uma vez a infância cujo tempo é incomparável.
E os brinquedos, amigos, estudos surgem.
E o tempo de vida passa a ser deixado de lado,
Mas nada tira seu posto de melhor amigo.

Era uma vez o crescimento corporal,
Era uma vez o crescimento intelectual,
Era uma vez um tempo de vida que acelera a cada dia.
E vai trazendo responsabilidades, provas, doenças.
E vai trazendo os amores utópicos, e talvez possíveis.
E o que antes era um bebê, já é um adolescente e não quer crescer.

Era uma vez um tempo que sempre estive conosco,
Era uma vez um bobo que deixou seu melhor amigo passar,
Era uma vez um tempo de vida que não foi aproveitado.
Só espera-se agora que o que mais vier não seja temporário,
E que o tempo não pare antes do que queiramos,
E que os demais nunca mais se esqueçam do tempo que mais importa.

Aluno 4634 - Araripe - Turma 902

O diamante do tempo

Tempo, tempo, tempo.
És meu inimigo, ou és meu alento?
A ti, entreguei minh'alma, ofertei
Minhas joias - memórias – brilhantes.
Mas tua marca ainda é beligerante.
“Da vida, é tua sina, menina!”
Menina; não sou, que o tempo já me ultrapassou,
Pois quisera correr mais que eu
A boneca, a bola, a peteca,
Deixei pela estrada, pois nada se compara à ternura do tempo.
Ao clarão de um breu
Já sou um “museu de grandes novidades”,
Mas, nos subterfúgios de minha mente,
Luto para o vento não levar minhas volúveis memórias,
Delicadas vitórias - o tempo já não traz!
Certezas, não tenho.
Só me resta, contudo, a certeza
De que há voraz sutileza que deixa o tempo passar.
Tempo, tempo, tempo...
O que mais queres de mim?
Se fores meu diamante,
Terei o fardo, portanto,
De lapidar-lhe, para que tu
Permaneças bruto...

Aluna 4618 - Fernanda Alves - Turma 902

Ode ao diamante do Nordeste

Minha terra possui serra
Onde canta o sabiá.
Chapada, és a mais bela,
Onde eu for, su'alma está.
Um dia volto nessa terra,
Pois minha terra é singular.

O céu se casa com o azul,
Velho Chico principia,
É meu guia de Norte a Sul,
O Sincorá se anuncia.
Corre, ô meu Paraguaçu,
Ao povo dê alegria!

Sonhava com o Barbado,
Vivia na Primavera,
Queda d'água, que agrado.
Mais que apaixonado eu era,
O solo é abençoado,
Chapada, és tu quimera!

Em minh'alma tu dominas
Minha bromélia celeste,
Da grande à pequenina,
Diamante do meu Nordeste,
Chapada Diamantina,
A Deusa do Agreste!

Aluna 4618 - Fernanda Alves - Turma 902

Pedra ambulante

Em um dia me veio à tona ler um livro sobre um príncipezinho afogado em sua própria angústia. Sua resiliência me encanta, seu sofrimento me espanta, mas em toda essa multidão, há alguém com um verdadeiro coração.

Para minha consciência, foi uma grande emoção saber que existe alguém com o meu mesmo coração. Imagina tentar se encontrar sem nenhuma coruja a me orientar e sem nenhum "brother" para me apoiar.

Senti-me como uma ilha isolada em um imenso oceano, só o mar a me cercar e a me beirar. Considero os adultos como pedras ambulantes, com indelicadeza e insensibilidade tão grandes quanto o valor de diamantes. Expresso-me com valores e números para que as pessoas grandes possam compreender meus sentimentos recalcitrantes. Tudo isso foi em vão, melhor largar de mão.

Aluna 4881 - Letícia Natalli - Turma 901

O pequeno grande príncipe

A infância é a fase boa da vida. Época que não volta mais – ou talvez volte! O homem muda constantemente e, quando cresce, tende a perder sua essência de criança. Exceto um único homenzinho, príncipe dito, detentor dos mais puros sentimentos e ensinamentos, exemplo vivo da manutenção da pequenez. Talvez por isso que me fez admirá-lo tanto. Admirá-lo pelas suas histórias. Admirá-lo por sua capacidade de amadurecer sem deixar de ser criança. Admirá-lo por ser um acendedor de lampiões, como aquele que visitou, e acender a luz da infância em mim. E como é incrível que adquire responsabilidades para com seus amigos e trata-os sempre bem! E como que não se deixa influenciar pelos adultos e não cede à razão, como ocorre com gente grande! O Pequeno Príncipe é a minha esperança de ressuscitar a minha infância e ter seus sentimentos e pensamentos.

O Pequeno Príncipe é um professor. É a humildade, empatia, inocência, paciência e sinceridade, mas também é a tristeza, a necessidade de consolo. Humildade por se contentar com o que tem, mesmo em um asteroide escasso no meio do espaço. Por não ser soberbo e vaidoso, como o rei que visitou. E eu me arrependo por não ser assim. Empatia por se preocupar com o próximo, não ser indiferente para com os outros, como são os adultos. E sinto-me culpado por não ser assim. Inocência por tentar ver o lado bom de todos e não ter malícia. E fico refletindo sobre meus atos. Sinceridade por nunca mentir e sempre ter amizades verdadeiras, como a amizade com a raposa e a rosa. Tudo o que ele é: uma criança. Faz-me pensar o que é mais importante. O conhecimento? A razão? Nada disso, pois. Ensina-nos que somos grandes por dentro, pelo que cultivamos em nossos corações. E nesse mar de sentimentos e reflexões por ele causados, a tristeza e a preocupação tomam conta de mim pela incerteza se o verei novamente.

Sou, portanto, o piloto que encontrou no deserto. O Pequeno Príncipe e eu passamos por desencorajamentos adultos, mas a diferença é que ele soube não perder seus valores de criança. É chamado assim, pequeno, mas a grandeza de seus atos o torna maior

que adultos. É chamado assim, príncipe, por ser alguém a se espelhar e obedecer. Pequeno Príncipe! Agradeço pelo teu exemplo e admiro-te por ter me feito saber o que realmente é ser criança.

Aluno 4634 - Araripe - Turma 902

A angústia do viver

A vida é constituída de diversos momentos, momentos estes que provocam diversos sentimentos que, por sua vez, não passam de meras reações e sensações do nosso corpo quanto ao que vivenciamos. Um abraço dos que amamos nos marca por conta da quentura inexplicável que aparece em nossos corações, também chamada queridamente como paixão, alegria, afeto e amor. Já a frustração, raiva, medo e tristeza são como uma confusa e forte tempestade no órgão vital e bombástico. Porventura, para os que anseiam o melhor sempre, é impossível compreender a complexidade da tormenta, preferindo resumi-la à angústia.

Angústia foi o que senti ao ler *O Pequeno Príncipe*. De repente, as lágrimas dos meus olhos que caíam nas páginas conectaram-me com o livro e o meu corpo desintegrado, transformando-se nos minúsculos grãos de areia do enorme deserto africano. O que me restou foi abraçar os corpos deitados do príncipe e do piloto, ouvindo suas singulares conversas noturnas.

Um empresário e um acendedor fadados ao trabalho são capazes de frustrar aqueles que desembarcam nas mais variadas estações do trem da vida. Uma cobra perversa que manipulou um ingênuo garoto enraivece os que já viveram para se deixarem levar pelo que o resto do mundo diz. O medo de perder as raposas que nos cativam é responsável pelas atitudes extremas dos mais ajuizados. Vê-las partir é triste, é doloroso, é cruel, porque levam consigo partes de nós. Condenados, prosseguimos tentando remendar esses buracos, mais uma tarefa impossível da efêmera corrida cujo prêmio é a sobrevivência. “Spoiler”: ninguém jamais chegará ao final.

Seria eu louca por ter minha estrutura abalada em virtude de uma fantasia? Prefiro achar que não, pois ponho a culpa no ato involuntário de se identificar com aquilo que nos ocorre e, por mais difícil de lidar, é varrido para debaixo do tapete. No fim das contas, a vida é como a rosa que habita o asteroide B612. Ambas são únicas para seus donos, mesmo que haja outras milhares por aí. Admiramo-las com frequência em razão da sua beleza que a todos encantam, entretanto, não há quem queira lidar com os espinhos, porque o belo

dá lugar ao desconforto e essa angústia é mais do que conseguimos suportar.

Auna 4610 - Sofia Passos - Turma 902

Da sábia ingenuidade da infância

Quando mais nova, me vi obrigada a realizar a leitura d'*O Pequeno Príncipe*. Um clássico, me diziam, quando eu o empunhava em público. Talvez, por ser mais nova, não tivesse destreza suficiente para interpretar as reflexões nele trazidas. Mas era cativada pela astúcia da raposa, encantava-me pela paixão do menino com a rosa. Chorei, como quem perdesse um querido, a morte do jovem rapaz. Aquilo que julgava essencial não mais me cativa. Mas hoje, sinto-me como se estivesse no Deserto do Saara. Aquilo que julgava essencial, não mais me cativa. Talvez esteja perdendo pedaços de minh'alma como pedágio para tornar-me mulher nesse caminho da vida.

Antes, ao vislumbrar minha imagem no espelho, eu via o jovem príncipe. Eu passeava despreziosamente entre os planetas, alimentava-me da fome do saber. Tentava não ser como o geógrafo, que apesar de expandida mente, tinha curta vontade de viver. Balançava-me, então, entre as árvores, agarrando qualquer ínfima oportunidade de vivenciar a infinitude. Que sábia ingenuidade era a minha! Esbanjava a confiança de um equilibrista, como se eu não soubesse que estava caminhando numa instável corda bamba.

Mas hoje, já não me identifico mais com as palavras do menininho. Impactada pelo breu da adolescência, percebo que mais me pareço com o piloto. Ele narra com melancólica nostalgia a perda de seu sonho de tornar-se desenhista. E se eu me perder no caminho, deixando como ele meus sonhos e princípios à beira da estrada? Será que ainda enxergarei os carneirinhos dentro de caixas? Ora, perderei o dourado de minhas quimeras, por terem se tornado areia no deserto...

De repente, me ocorre uma epifania: o piloto desenhara a tênue linha entre a maturidade e a ingenuidade. Ele já não ouvia as falácias da serpente, mas enxergava com o coração cada fala do menino príncipe. Em resoluta contemplação, percebo que ainda serei uma jovem menina, por mais que me torne adulta. Portanto, que eu cative sonhos e vidas, amores e dores, tornando-me assim, responsável por tais feitos. Que eu colha os frutos da sapiência de uma criança, com o crescer da árvore da vida. Não estou perdendo

partes de minha essência, mas sim, regando e cuidando da muda que um dia fui, para tornar-me um imponente Baobá.

Aluna 4618 - Fernanda Alves - Turma 902

Paixão ou obsessão?

Um dia, eu me encontrava, mais uma vez, fuçando entre as prateleiras da biblioteca, à procura de um livro intrigante, com complexidade e amor. Como um intelectual, jamais fora fã de leituras supérfluas, e o seu oposto tinha nome... *Dom Casmurro*! Nunca encontrei algo tão instável, sobre uma vida perfeita que se acabou. E senti-me na obrigação de relatá-la pelo final, assim como Machado de Assis sugere em sua obra. Seria possível uma paixão ardente terminar em traição?

No princípio, tudo era belo e religioso. Bentinho era um garoto cheio de fé e amor por sua vizinha, Capitu. É ele quem virá a ser *Dom Casmurro*, algo que contrasta com a relação afetuosa que vivia com a menina. A inscrição de seus nomes no muro, o primeiro beijo, os encontros secretos... Tudo era romântico. Como pensariam em adultério? Porém, a mãe do menino, Dona Glória, havia prometido que ele havia de tornar-se padre. E em meio às tentativas de convencê-la de que nele não havia vocação, Bentinho mostrava-se estranho para mim. Por vezes, encontrava-se divagando, delirando. Falava com outros seres, como os vermes de um livro, ficava desorientado... Mas até esse ponto, podia-se pensar que essa imaginação inoportuna era fruto da cegueira do amor.

Infelizmente, Bentinho teve que se separar de Capitu e ir para o seminário, onde conheceu Escobar, de quem se tornou amigo confidente. Porém, ficou notório o crescimento dos ciúmes, devido à distância da sua amada. Para mim, já havia virado obsessão, pois suspeitava que a menina o enganava ao saber de qualquer garoto que a olhava. Eu o sentia gritar:

– Capitu, sua traíra! Como pôde?! Você é minha e de mais ninguém!

– Acalme-se, Bento! Pare com essa paranoia, recomponha-se!
– respondia eu em minha mente.

Como não pudera ouvir, ao voltar do seminário e finalmente casar-se com a moça, tentava sempre controlá-la e ficava fora de si, algo retratado na mudança de tratamento para conosco, leitores, ora ignorantes, ora amigos. Quando Escobar morreu em alto mar, ficou

explícita essa loucura que dele tomava conta, pois Capitu não tinha nem o direito de chorar por ele. Bentinho só pensava em traição e, entre mais delírios, cogita suicidar-se e envenenar o filho. Tristemente, a situação chegou a um ponto insustentável e a relação de puro amor tornou-se uma separação trágica.

Assim surgiu Dom Casmurro, o solitário sem amor, apenas memórias. E eu já respondia à minha dúvida anterior: não houve traição. Analisando claramente, Bentinho, com a mente bagunçada e impulsiva, delirando a todo momento, não soube lidar com a perfeição que vivia e criou um cenário totalmente hipotético, restando-lhe a lembrança do que o marcou: a perda de sua amada.

Aluno 4634 - Araripe - Turma 902

Acabou

A gola cinza nunca foi boa com despedidas, por isso que sempre dizemos “até logo”. Mas dessa vez, é diferente. Estamos nos despedindo de uma coisa que não voltará, dizendo tchau a um ciclo de nossas vidas que se encerra. O nono ano terá que dizer “ADEUS”.

Na natureza, uma alcateia é formada por lobos com características bem parecidas, mas com o nono não foi bem assim. Formamos um bando com lobos ímpares, diferentes em aspectos físicos, intelectuais, esportivos e culturais. Uma alcateia unida pelos braços do recinto sagrado, em busca de possuir, ao sair do nobre cadinho, enfim, o caráter perfeito.

Assim como dissemos nas nossas formaturas de ingresso à escola: quando fomos incorporados ao colégio militar, assumimos o compromisso de sermos leais companheiros e cultivar as virtudes morais, dentre elas a camaradagem. E como uma boa alcateia, estamos sempre unidos, seja nos louros ou nos puxões de orelha. Sempre juntos, porque de lealdade e união entendemos bem. Talvez seja por isso que não gostemos de despedidas.

O ensino médio será uma grande correria, o futuro que nos espera está a uma formatura de distância, enquanto, o ensino fundamental foi o nosso parquinho que nos acolheu, nos formou e nos preparou. Foi onde erramos, caímos, choramos, fizemos amigos e nos alegamos. Onde nos acostumamos a ser pequenos. Mas também nos apegamos aos nossos professores, a suas histórias e metodologias, a termos somente sete mestres na jornada ano a ano.

Aqueles pequenos lobos que ingressaram no CMS foram crescendo, seus caninos se afiando e os corpos ficando mais robustos e eles foram aprendendo a lutar, mas não sozinhos. Éramos lobos solitários até nos encontramos pertencentes a essa diferente alcateia.

Com isso, dizemos até logo aos nossos comandantes de companhia, aos nossos monitores e aos nossos eternos professores, nós esperamos vê-los em breve. E enfim, Adeus, ensino fundamental, obrigada por tanto! Ensino médio se prepare, a gola cinza está chegando!

Aluna 4624 - Izaura Nunes - Turma 904

Estamos diante de nossos melhores anos

Em nossa primeira formatura, quando adentramos pelo Portão das Armas, eu não conseguia pensar em mais nada além de marchar corretamente. Ainda me lembro do suor escorrendo pela camisa branca do cotonete, do medo que eu tinha de errar a cadência. Tenho vívidas lembranças das lágrimas derramadas ao entrarmos no pátio pela primeira vez. Tudo era novo, desde os corredores e salas às pessoas que estavam ao meu redor. Era um pouco amedrontador, afinal, o que aconteceria caso eu me mexesse demais na formatura? E se eu estivesse com o uniforme errado, mesmo que ele fosse somente uma calça e uma camisa branca?

Aqueles medos deram lugar à confiança que ia surgindo; confiança para conseguir marchar, prestar continência, saber quais eram os uniformes do dia, e algo ia me dizendo que talvez eu conseguisse me adaptar bem. Acho que só consegui me dar conta de que eu realmente estava no Colégio Militar de Salvador na “Entrega da Boina”, dias depois da primeira formatura. Ali, quando meu irmão, um ex-aluno do sistema, entregou-me a boina, eu senti que cabia a mim continuar a nossa história dentro do Colégio. Alguns meses transcorreram, e só fui perceber que o Colégio havia se transformado em minha segunda casa no dia em que nós realizamos a prova da OBA pela primeira vez. Depois de três horas cansativas de prova, saímos todos juntos, e ficamos conversando, rindo, brincando, e assim, caiu a minha ficha – aquela era minha família. Quatro anos depois de tudo isso, vejo que o sentimento de pertencimento e de família permanecem.

Quando pudemos desfilar pela primeira vez no Sete de Setembro, eu sabia que não estava sozinha. Ao ouvir o rufar do bumbo, eu sabia que estava marchando, carregando em minha feição, em minha boina, em minha túnica, e em meu coração o legado de todos aqueles que passaram pelo colégio. Eu estava empunhando, ao prestar a continência, um sonho que não era só meu. Essa quimera já havia se tornado parte de nós, o sonho de representar, em seu ápice, um Colégio que nos acolheu de maneira

tão singular. Sabia também que estava diante dos anos áureos de minha vida. Pois ali, eu sentia que o mundo era somente nosso.

Hoje, já não temos mais tanto medo de errar o uniforme, marchar já é algo natural, e os sargentos e tenentes, que tanto nos davam medo, hoje são nossos parceiros e amigos. Ao passarmos pelos corredores, sentimos somente a nostalgia das sensações que tivemos ao descobrirmos tudo o que nos esperava nas salas do Pavilhão Sargento Marques. Aquela ansiedade que tínhamos, na “Semana Zero”, de acordar para irmos à escola, de escolher o melhor uniforme, de bradarmos o Zum Zaravalho (da pior maneira possível); tudo isso esvaiu-se. Algo que era tão grandioso, quando éramos mais novos, tornou-se parte de nossa rotina. E num piscar de olhos, estamos no final do nono ano, prestes a adentrarmos o ensino médio. Por mais que já estejamos há quatro anos no Colégio, eu sinto aquele mesmo frio na barriga, afinal, é tudo muito novo; o que aconteceria se eu me desse mal em uma dessas provas? E se eu perder meu alamar? Meu Deus, o que vai acontecer quando eu tiver de escolher a minha faculdade?

Por isso, eu me permito dizer que estamos diante de nossos melhores anos. Não tenhamos medo do que está por vir, mas sim, esperança. Lembrem-se de suas evoluções, dos amigos que encontraram, e dos momentos mais felizes que vocês tiveram aqui. Todo esse processo pode parecer o começo do fim, mas na realidade, é o início da consolidação do nosso futuro. Mesmo diante de tantas mudanças, o nosso amor continuará sendo perene, nossas memórias, mais vivazes que nunca, e nossa coragem sólida e inabalável.

Apesar de termos crescido, nosso espírito de cotonete, ainda precisa permanecer. Então, se permitam, diariamente, redescobrir o Colégio e suas oportunidades, como se fosse a primeira vez. Imaginem-se vestindo aquela mesma farda branca com a qual vocês começaram. E acima de tudo, permitam-se deixar as lágrimas escorrerem ao desfilarem por esse pátio hoje, porque nós sabemos que essa será a última vez que o faremos como representantes do ensino fundamental. Vistam essa farda com o mesmo orgulho que vocês tinham ao olhar o Colégio ao longe, sem nem mesmo

estudarem nele. Por todas essas razões, hoje, eu sinto as lágrimas percorrerem meu rosto, sinto o suor escorrer pela minha blusa branca, sinto o calor da calça jeans me incomodar, pois jamais esquecerei a aluna que fui um dia.

Aluna 4618 - Fernanda Alves - Turma 902

1º ANO

Prato feito: questão de dignidade

Diariamente, não só nas ruas, mas também em outros lugares do mundo, muitos indivíduos vivem sem saber o que comerão no dia seguinte. Isso é muito triste! Não são milhares, mas milhões de pessoas que sofrem com a fome. Dessa forma, é necessário o combate à insegurança alimentar e à subnutrição para que, aos poucos, elas cheguem à estaca zero.

De acordo com um levantamento de dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV), três em cada dez brasileiros vivem com menos de R\$ 500,00 (quinhentos Reais). Além do mais, no Estado mais rico do país, São Paulo, uma em cada cinco pessoas está em condição de insegurança alimentar. E, na conjuntura atual, com os preços elevadíssimos dos alimentos, é difícil para a pessoa de baixa renda garantir uma alimentação de qualidade para si e para sua família. Ademais, o fator da desigualdade econômica contribui para a persistência da fome no “país do futebol”, matéria que o grupo musical *As Meninas* descreveu bem ao escrever: “É que o de cima sobe e o de baixo desce”. Infelizmente, a música retrata a realidade que, desde a colonização, revela uma situação de extrema desigualdade social.

Outrossim, existe a questão da desnutrição, ou seja, a ingestão de alimentos em quantidade insuficiente para suprir a demanda energética do organismo. Segundo o médico Dráuzio Varela, ela interfere não só no psiquismo, mas também na formação das conexões neurais no sistema nervoso, principalmente nas crianças. Em contrapartida, o Brasil é um dos maiores produtores de alimentos do mundo. No entanto, ocorre aqui a má distribuição dos alimentos produzidos. A busca excessiva pelo lucro, por parte dos grandes produtores, parece ser mais atraente que a dignidade dos famintos brasileiros. Para mais de 79% da população, os gêneros alimentícios vêm dos pequenos produtores, da chamada agricultura familiar.

Diante do exposto, medidas devem ser tomadas para solucionar o problema. Para isso, urge que o Governo crie políticas públicas que garantam, por exemplo, o apoio à agricultura familiar, o aperfeiçoamento de programas de distribuição de renda e a criação

de uma lei que autorize o funcionamento de estabelecimentos que armazenem alimentos produzidos para, gradativamente, distribuí-los entre a população carente. Além do mais, que ocorra, em maior número, a cultura da doação, tanto pela sociedade civil quanto pelas instituições públicas e privadas.

Aluna 4526 - Camille Grimaldi - Turma 203

Bate-bola

É o meio do jogo.
A bola roda de um lado para o outro.
Grande é a emoção.
E as pessoas começam a ficar sem noção.

O jogo que um dia trouxe harmonia,
Hoje traz muita agonia.
É culpa da ignorância,
e impasses sem relevância.

Conflitos ocorrendo por todo lado
poderiam ser resolvidos com um simples diálogo.
Todos adoram o bate-bola,
mas onde está o bate-papo?

A fala é uma coisa milagrosa.
Ela nos ajuda a sair de situações perigosas.
Não há motivo para se estressar,
se nós podemos conversar!

Quando um time perder,
não há motivo para alguém morrer.
Chega de tanta matança!
Está na hora da mudança!
Bate bola!

Aluno 4679 - Karpiuck - Turma 103

A solução

Amigo ou desconhecido,
Todo mundo é diferente.
Discordar é recorrente.
E se antes de brigar
Nós pudéssemos pensar,
Ficaria agradecido.

Ser comum e ser normal
São conceitos confundidos.
Normal é o natural
Ser comum é ser frequente
Mas, nem sempre recorrente.

Pré-julgamentos de uma situação
São comuns de se observar.
É normal? Claro que não!
Se ninguém pode adivinhar...
Quem nunca viu um mal entendido
Que poderia ser resolvido?

Como é bom esclarecer!
Aprender a se entender!
Compreenda de uma vez...
Discutir é estupidez!
Se quiser simplificar,
A solução é conversar!

Aluno 4460 - Cauê - Turma 101

O valor das palavras

As palavras têm valor.
A diplomacia é a arte da conversação.
Com ela, impérios posso criar,
Criar vários laços, reis tiranos destronar.

Debates, concessões, alianças,
E o limite é irreal.
Neste mundo, palavras trazem esperanças
E perpetuam a paz no final.

Quando este planeta esteve dividido,
Com armas prontas a atirar,
Em que tudo parecia perdido,
Diplomatas puseram-se a mediar.

Assim como em Estocolmo,
Na Primeira Conferência Ambiental,
Vendo os países autônomos,
Com novas políticas,
Evitar um futuro mortal!

Portanto, é essencial valorizar a diplomacia,
Pois ela auxilia no equilíbrio internacional.
Sem isso, o planeta estaria um caos,
Já que haveria perda da conciliação mundial!

Aluna 4540 - Ana Beatriz - Turma 103

Por melhores leitores e profissionais

Com o advento da tecnologia, houve significativo avanço na difusão da leitura, algo extremamente importante no Brasil, país onde o letramento demorou e se espalhar. Nesse sentido, é válido afirmar que o hábito de ler é imprescindível uma vez que, desde os livros impressos até aqueles em formato digital, possuem inúmeras vantagens, entre as quais estão a capacidade de se comunicar de forma satisfatória, o desenvolvimento da oratória, e a obtenção de habilidades úteis tanto no âmbito profissional quanto no pessoal.

Primeiramente vale ressaltar que o ato de se comunicar bem tem sido cada vez mais valorizado nos diversos ramos que uma pessoa pode seguir. E observa-se que a leitura tem um papel crucial nisso, não só fazendo com que um indivíduo aborde fatos de maneira eficiente, mas tornando sua escrita mais coesa. Além disso, torna o diálogo mais assertivo em locais como a casa, a escola, o trabalho.

Ademais, leitores/autores possuem mais criatividade, já que são obrigados a criar cenários e personagens descritos em livros. Vale lembrar também que muitos leem por prazer, uma vez que enxergam as histórias como um meio de fugir da realidade e refletir sobre os acontecimentos da vida.

Portanto, embora a leitura esteja presente na vida de muitos cidadãos brasileiros, é essencial que todos tenham as mesmas oportunidades. Sendo assim, cabe ao Ministério da Educação e Cultura (MEC) a implantação de aulas na grade curricular que inclua a leitura de livros e textos que sejam do interesse de alunos e profissionais, a fim de que, pelo menos um tempo de aula seja destinado a uma atividade tão pertinente. Além disso, urge que a mídia veicule mais vídeos e campanhas publicitárias que motivem e incentivem todos a lerem e assim se tornem profissionais de sucesso e sujeitos mais criativos.

Aluna 5228 - Sophia Fuzário - Turma 103

Os benefícios literários

A leitura é majoritariamente introduzida na vida de um indivíduo quando ele ainda é criança. O simples hábito de responsáveis/pais lerem histórias como *A Branca de Neve* e *Cinderela* favorece o desenvolvimento de um futuro não tão distante. Para que esses benefícios tragam boas consequências para todos, é necessário que a leitura seja incentivada, tanto no ambiente escolar quanto no familiar.

Ao se habituar à leitura, os cidadãos aumentam sua capacidade de socialização através de maior vocabulário apreendido e internalizado. Quando incentivamos crianças, adolescentes e adultos, estamos garantindo a eles a capacidade de sintetizar ideias, sentimentos e opiniões sozinhos. Os livros nos possibilitam o desenvolvimento do senso crítico (capacidade de analisar uma situação e obter um posicionamento sobre um fato).

As pessoas que mantêm o hábito da leitura tendem a ser mais criativas e comunicativas. Ambas as qualidades tendem a facilitar a vida de qualquer indivíduo em um ambiente de trabalho, por exemplo. Isto porque a interação entre colegas deve ser realizada com clareza, precisão e educação, para que todos estejam agindo em prol de um mesmo objetivo.

Por mais que a leitura seja idealmente introduzida na infância, é um costume que não tem idade para se adquirir. Mas é necessário que o Governo invista mais em feiras literárias, que deveriam ocorrer em lugares públicos, de fácil acesso a pessoas de idades e classes sociais variadas. E cabe às escolas a realização de apresentações artístico-literárias, seminários e feiras culturais, baseados em livros, a fim de que todos tenham acesso à leitura.

Aluna 4469 - Iêda Pimenta - Turma 103

A leitura e o presente

“Penso, logo, existo”. A frase dita anteriormente pertence ao grande pensador renascentista René Descartes, o pai do racionalismo científico. Ele, com poucas palavras, evidenciou o fato de que somos seres pensantes, que refletem acerca da natureza e da existência humana. Entretanto, para um pensamento ser construído, é necessária uma base de conhecimentos que somente se adquire por meio de fontes externas e seguras de conhecimento. Atualmente, diversos brasileiros formam opiniões a partir de “achismos”, sem estudos profundos sobre o assunto em questão. Além disso, a conjuntura descrita está justamente aliada à queda do hábito da leitura e à fala de que ela traz malefícios ao desenvolvimento intelectual dos homens.

No cenário da pandemia do Covid 19, uma trajetória já prejudicada com o avanço da redução de leitores no Brasil, tornou-se ainda pior. Isolados em suas casas, os indivíduos conectaram-se, durante a maior parte do dia, através dos meios digitais e privilegiaram informações rápidas e fáceis, advindas, principalmente, de redes sociais como “Facebook” e “Instagram”. Este contexto criou pseudo-leitores que, desprovidos de qualquer almejo pelo saber, adentraram no mercado de trabalho. Além dos inúmeros jovens que frequentavam escolas ou faculdades de forma virtual e não se dispuseram a ler algum livro didático ou paradidático. São justamente esses os personagens que, geralmente, possuem visões superficiais em relação ao mundo e suas mazelas, não desejando ampliar seus conhecimentos.

Sem a leitura, os homens estão fadados a uma vida de dependência e miséria acadêmica, tendo em vista que nunca poderão construir um conhecimento pleno e não saberão o que ocorre totalmente no espaço em que vivem. Ela é libertadora, pois quebra as correntes do “achismo” e leva a lugares inimagináveis.

Em suma, a leitura é uma peça essencial para a formação do saber, trazendo liberdade e oportunidade. Mas a atual conjuntura brasileira é alarmante, visto a baixa quantidade de leitores. Portanto, é essencial que o Estado promova uma campanha de valorização da

literatura no Brasil, através da redução de impostos sobre obras literárias, barateamento dos preços, do incentivo à utilização de bibliotecas públicas e do fornecimento de livros para comunidades carentes, a fim de contribuir para a construção e ampliação da comunidade leitora do país.

Aluna 4540 - Ana Beatriz - Turma 103

Ferramenta para o sucesso

Textos, artigos, propagandas. A leitura se faz presente por meio de práticas distintas em nossa sociedade. Seja como for, a verdade é que a leitura é ferramenta essencial para o sucesso, tanto na área profissional, uma vez que aumenta o conhecimento e o foco, quanto na área pessoal, já que instiga a criatividade e melhora as habilidades comunicativas. Por isso, essa prática necessita ser incentivada.

Primeiramente, urge a compreensão quanto ao aspecto profissional do indivíduo. Estudos mostraram que a leitura aumenta a capacidade de foco. Por isso, ao incentivar esse hábito em sua empresa, o empresário estará aumentando o rendimento dela, já que seus empregados possuirão uma maior concentração. Além disso, sabe-se que, por meio da leitura, é adquirida maior concentração e conhecimento, fatores importantíssimos para o sucesso profissional. Assim, pode-se afirmar que o hábito da leitura é ferramenta importante para um bom rendimento no ambiente de trabalho.

Ademais, ler não traz benefícios somente para a área profissional: a leitura é essencial para a esfera pessoal também. O contato com histórias e narrativas sobre pessoas e contextos diferentes instiga a criatividade do leitor, além de levá-lo a ser mais compreensivo ao lidar com situações adversas. Na esfera comunicativa, os benefícios também são muitos: melhor habilidade de interpretação e aquisição de mais vocabulário. A leitura traz diversos benefícios para a vida de uma pessoa e, por isso, deve ser incentivada desde cedo.

Portanto, é necessário que as escolas despertem nos alunos o gosto pela leitura, por meio de atividades e desafios que os levem a desenvolver esse hábito de forma que este deixe de ser algo pesado e passe a ser prazeroso. Assim, estarão contribuindo para a formação do indivíduo mais focado, criativo e compreensivo, colaborando, conseqüentemente, para uma sociedade melhor, desenvolvida e estruturada.

Aluna 4458 - Júlia Delgado - Turma 103

2º ANO

Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhrou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

Alphonsus de Guimaraens

Os nove textos a seguir propõem uma releitura do poema "Ismália", de Alphonsus de Guimaraens, poeta simbolista brasileiro, e foram desenvolvidos a partir da interpretação desse texto base, das características simbolistas nele empregadas e do projeto estético e social do Simbolismo brasileiro.

Estela

Estela perdera-se,
Enlouquecera e trancara-se
Em um longo e tenebroso castelo
Que guardava um impetuoso pesadelo.

Através da escuridão azul da infinidade,
Sentira sentimentos de sossego e serenidade.
Queria voar
E alcançar o luar.

O penhasco ali lhe atraía,
Uma saída ali vira.
Uma voz aveludada e escura
A levava para a interminável loucura.

Seu pensamento, solo e indefeso,
Seu corpo, em terra, preso.
Estela, ao fugir do averno,
Deparara-se com sono eterno.

Libertara-se.
De todas as vozes desprendera-se.
Sua alma, aos poucos, subira,
Seu pensamento, finalmente, sumira.

Alunas 4959 - Daniela Castro e 4664 - Rebeca Braz - Turma 204

Ismália: releitura

Quando Ismália entrou na rede
Pôs-se sozinha a chorar
Dentro de si deprede
Pois começou a se comparar

No seu sonho sempre pede
Ao sucesso alcançar
Queria algo que os outros passassem a admirar

Nem as curtidas impedem
A sua tristeza aflorar
Estava longe da sua sede
Estava perto de sua imagem manipular

E de modo adrede
O irreal passou a postar
Queria subir as paredes
Queria com isso acabar

A sanidade espede
E a perfeição toma o seu lugar
Seu corpo se despede
Sua alma por paz suplicará.

Alunas 4410 - Clara Luz e 4419 - Eduarda Araújo - Turma 203

Ismália 2.0

Ismália sozinha adoeceu
Pôs-se na torre a rememorar...
Viu um paraíso no céu
Viu outro no mar

Nas memórias nas quais se perdeu
Ouviu uma voz macia ecoar
Oferecia-lhe o céu
Oferecia-lhe o mar

Nos sonhos nos quais encontrou abrigo,
Sentia sinistros e secretos suspiros
Dizendo-lhe para seguir um sentimento inimigo
Sentimento soturno de sinais sombrios

Ismália queria de tudo libertar-se
Voar para o imenso luar...
Desejava, por fim, render-se
Banhar-se no sereno mar

Baladas doces tocaram e tambores rufaram
Asas surgiram e ela voou
Sua alma se eternizou, os anjos cantaram.
Seu corpo descansou e enfim se acalmou.

Alunas 4960 - Beatriz Castro e 4526 - Camille Grimaldi -Turma 203

Maria

Quando Maria rendeu-se
Decidiu deixar de sonhar
Em um quadro viu-se
Decidiu que era hora de parar

Os anjos que a observavam
A esperavam falhar
Os anjos que rente ao teto voavam
Tentavam lhe alertar

Pensou em cortar
Mas lembrou-se dos olhares
E então decidiu amarrar
As lágrimas viraram milhares

Pulou
Não sentia dor
Só conseguia pensar que os superou
E sua última visão observou

Sua visão se esvaiu
Sua respiração falhou
Enfim sua vida acabou
E sua alma partiu

Aluna 4639 - Kilcyane - Turma 204

Celeste

Quando Celeste brilhou
Todos da cidade
Pararam para olhar

Ao céu ela virou
Na rua ela parou
Por estrela querer virar

Celeste se entregou
Cadente a pular
Queria céu
Queria mar

No pico do céu tocou
E no mar foi se debruçar

Mesmo que quisesse céu
Na terra ela há de ficar

Quando Celeste planou
Esqueceu de voar
Queria céu
E esqueceu o que fizeram pular

Quando Celeste brilhou
A cidade se espantou
Da vida mudou
E a dívida divina não pagou
Ficou sem asas parar voar

Aluno 4588 - Moura - Turma 202

Francisco

Francisco, quando em mal estado
Foi-se no céu a voar
Perdeu-se com seu avião avermelhado,
Planava e seguia a delirar

Nos pensamentos em que se meteu
Assistia o sol raiar,
Entrecortando as nuvens
Enquanto o vento afagava o seu chorar

Em seu desvario sussurrava
Já não havia para onde ir,
Já não havia como parar:
A Grande Guerra há de se instaurar

Jovem pigmeu perdido no céu celeste
Que cinza havia de se tornar
As nuvens já não mais brancas
Negras, no céu, estariam a pairar

Embriagava-se na luz do sol,
Que guiava-o para o descansar
O onipotente lhe deu as asas
Permitindo-o estar perto do céu e perto do mar.

**Alunas 4390 - Mayana Suarez, 4602 - Marcelle Lins e 5093 - Ana Isa
- Turma 204**

Inesquecível Ismália

Inesquecível Ismália,
Quanto tempo é necessário
Para esquecer apenas
Um único minuto?

Muitos disseram que era impossível enxergar no escuro
Ainda mais quando o brilho só se reduz
Mas, no meio de um campo de lótus fechadas
Você foi a minha luz

Do topo, pensei que você iria flutuar
Como um anjo que encontra o paraíso
Mas, ver o seu corpo no mar
Foi muito mais do que tudo que era preciso

Mais forte que um tiro no peito
Seu salto de liberdade foi além do fundo
Sob a luz do luar chegou ao seu céu perfeito
Longe da torre e depois do mundo

Queria poder ter parado os ponteiros
E por um momento, fingir que tudo foi um sonho ruim
Poder acordar com você por inteiro
Tão linda como uma sereia, assim

Minha linda Sirius,
continue brilhando na escuridão do luar
tenho certeza que nos encontraremos outra vez
Sob à beira do mar.

Aluna 4328 - Clara Viterbo - Turma 204

Lásimia

Quando o corpo de Lásimia escureceu,
Estreou seu inaugurar
Sua pele empalideceu
Contra seu alucinar

Queria luz,
Queria paz,
Sem saber se afogou
Pensando ser incapaz...

Como cinzas deixou-se queimar
E queimou sem medo...
Buscando nutrir-se em segredo,
Para sua amada não preocupar

Suas cinzas o vento soprou,
Encontrando a luz
Encontrando a paz
Voando para o libertar.

Aluno 5098 - Lubacheski - Turma 202

Rose

No níveo crepúsculo de nuances edênicas
Rose, no áureo palácio de narcisos, permanecia,
Ao ver, no horizonte, o florescer de melodias selênicas
Ideal, imaterial, intocável e imprecisa

Santificava-se a cada arcanjo no azul que a envolvia
Alva, pálida, branca, cândida, cristalina
Sua tez alabastrina reluzia o pôr do sol do dia
A mesma lividez que purificava a nefasta neblina

Ó Diafaneidades sutis, sublimes e supremas
Que a despertaram para sonhar com o céu de onde veio
Ó Diafaneidades vagas, suaves e extremas
Que a direcionam para o advento de seu devaneio

É um êxtase de lírios, salmos e cânticos etéreos
Almejando retornar ao meio celestial no qual nasceu
É uma amálgama das formas do amor de todos os mistérios
Sendo, já na Terra, anjo, virgem e santa onde floresceu

Surge – assim – o anoitecer, o luar exala rosários afetos...
Ela faz-se áurea revelação de outra Virgem Maria
Exala rosários afetos o luar, o anoitecer – assim – surge...
A virgem pura retorna aos céus com o seu aroma e calmaria

Aluna 4521 - Myllena - Turma 203

Estoura e Permanece –

Bolhas de sabão,
Nostalgia dos olhos iluminados
Ao correr atrás desta
Ingênua brincadeira da infância.
Banho de chuva,
Renova a alma,
Acoberta minhas lágrimas,
Consola corações
Estilhaçados pela avenida.
Amor apaixonado,
Colorido, leve, brilhante;
Ainda sim tendo uma
Validade absurdamente curta.
Cicatrizes do passado,
Marcaram com sangue
O caminho da minha vida.
Espero me reencontrar
Na nascente deste rio.

Manso alvoroço –

Céu noturno em revolta,
Animais silvestres se abrigando
E a corrente de ar
Passando entre o bambuzal.
Em meio a tempestade,
Há uma pequena casa,
Onde uma mulher, enrolada
Em um cobertor felpudo,
Recosta-se na janela
E, parada, sua mente Dança a canção serena

Que recorda sua infância.
Uma voz em meio a
Ventania, a pergunta:
“Ó mulher bonita,
Onde está a felicidade?
Será que um dia
O Sol voltará a nascer?”
Com um olhar brilhante
E um sorriso brando,
Ela permanece calada.

Sob tua direção –

Norte para os perdidos,
Farol para embarcações,
Seu falar em meus ouvidos;
Ó caro amante,
Seja meu Cruzeiro do Sul
E me guie nessa escuridão.
Quero ser detetive
E desvendar seus mistérios.
Quero você, ó contador,
E saber suas aventuras,
Saber seus dramas,
Saber suas tragédias.
Porém, para você,
Sou apenas mais um figurante
Nesse grande filme de sua vida,
Enquanto para mim, nessa minha peça,
Tu és o protagonista.

Aluna 4893 - Bianca Nobre - Turma 202

Envelhecer

Hoje. Enquanto muitos desvalorizam ele - visto que se preocupam mais com o que virá - não posso agir da mesma maneira. Não sou capaz de descansar...ou de sorrir. Ao menos, era o que cria.

Deambulava, tal como sempre quando dispunha de algum disponível período, e observava – atentamente – o singular frenesi dos hodiernos tempos. Continuaria, se algo não tivesse despertado minha curiosidade: um homem. Direcionei-me, então, à casa dele. Ela era modesta, todavia, elegante em seu cerne. Conforme minha concepção, deveras agradável.

Assim que adentrara o quarto, no qual o rapaz se encontrava, me atentei aos seus detalhes. Jovem, não passava dos 30 anos. Parecia-me, ademais, vigoroso. As olheiras, entretanto, contrastavam com o físico dele. O que se podia deduzir é que a noite não fora das melhores...apresentava-se, na realidade, exausto.

O despertador toca. Ele acorda e calça seu par de chinelos. Encaminha-se ao banheiro, conduz-se ao vaso sanitário e, ao terminar de realizar o que é de costume a todo ser humano, aciona a descarga. Dirige-se à pia e utiliza um balsâmico sabonete de coco. Aberta há poucos segundos, a torneira permanece assim até que o homem pegue a escova de dente, o creme dental, o creme de barbear, o pincel e a gilete e efetive tanto o processo de higienização bucal quanto se barbeie devidamente. Creio que, ao longo desses minutos, o mais interessante fora a significativa quantidade de espuma gerada. Ela lembrou-me a neve de Monte Castello. Que recordação! Em seguida, desloca a cortina para um lado, entra na cabine de duche, pega o sabonete e altera a temperatura da água fria para água quente. Finaliza o banho, enxuga-se com sua toalha e, tendo o creme para cabelo e o pente em mãos, penteia suas acastanhadas madeixas.

O rapaz retorna ao quarto. Veste uma cueca, uma camisa punho dupla (na qual acrescenta abotoaduras) e uma calça social. Coloca as meias, os sapatos, a gravata e o paletó. Pega carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço e relógio. Após essas ações, direciona-se à cozinha. Nesta, há uma simples mesa e quatro

cadeiras (por mais que não haja nenhum outro indivíduo... aparentemente). Existe um jornal, uma xícara, dois pires, um prato, um bule, três talheres e uma quantidade mínima de guardanapo acima da mesa. Enquanto se alimenta, lê as notícias de maneira vagarosa. Atípica atitude para um homem do século XXI.

Ao finalizar sua refeição, encaminha-se à saída de sua residência. Contudo, para...por quê? Ele foca seu olhar em três quadros presentes no corredor existente entre a cozinha e a sala de estar. Uma lágrima cai. O que há naqueles quadros? Não há tempo para que possa ir até o local, posto que ele se dirige à porta, apanha, em uma mesa ao lado desta, uma pasta. Finalmente, adentra seu carro.

O trajeto é plácido...até demais. Aprecio isso: a serenidade que, custe o que custar, é preservada por aqueles que detêm o saber de sua imprescindibilidade. Ele parece ser um desses indivíduos.

Chega a um alto e moderno edifício. Decerto, o local onde trabalha. Ao passar por aquelas grandes portas automáticas de vidro, ele cumprimenta uma jovem, a qual, provavelmente, é uma recepcionista. Ela retribui com um gracioso sorriso e entrega-lhe uma xícara de chá. Conduz-se ao elevador e, após cerca de doze andares, sai deste. Desloca-se por um longo corredor e adentra a quarta sala à direita. Há uma ampla mesa, uma vultosa poltrona e uma cadeira. De imediato, ademais, é possível visualizar uma expressiva quantidade de papéis acima da mesa, na qual também estão presentes telefone, agenda, copo com lápis, canetas, bloco de notas, espátula de unha, pastas e três caixas de entrada e de saída para papel A4. Quantos objetos! Na realidade, devo reconhecer que se comparando, em geral, aos demais seres humanos, ele é um sujeito que preza pelo substancial.

De mais a mais, é notável o quão organizado é! A disposição do vaso com plantas, dos quadros, dos papéis e do telefone faz com que o ambiente seja, de certa forma, elegante e aconchegante.

Ele senta-se na cadeira, pega uma caneta e, em uma bandeja, deixa sua pequena xícara – cheia de chá. Os afazeres iniciam-se. Papéis e relatórios chegam, o telefone toca a cada 30 minutos, cartas, notas, vale, cheques, memorando e bilhetes chegam, mais

telefonemas e novos papéis se dispõem na mesa – agora, saturada de distintos documentos. “Céus!”, ele diz. Compreendo esse jovem...inclusive, estou estranhando a ausência de algum “chamado” até o presente momento. Há tempos, não consigo descansar e observar, de forma tão vigilante, o dia de um ser vivo – especialmente, um humano.

Meus pensamentos interrompem-se com a movimentação do rapaz, depois deste olhar o relógio presente na sala. Ele afasta-se da – abarrotada – mesa e realiza o mesmo trajeto que efetivara para chegar à sala horas atrás. Assim que sai do edifício, percorre movimentadas ruas até que visualiza esboços de anúncios em vários cavaletes, dispostos ao lado de grandes estabelecimentos nos quais se vendem – segundo eles – deliciosas e baratas refeições.

Ele, assim, adentra um requintado restaurante. Há fotos de distintos alimentos neste, o que faz com que ele fique mais ansioso para decidir o que comerá. Rapidamente, um garçom atende-o e anota o pedido do homem em um bloco de papel. Enquanto aguarda, observa uma curta-metragem exibida por um projetor de filmes (que restaurante excepcional!), na qual é apresentada uma caneta dourada que aparenta ser dispendiosa. A projeção continua e, aparentemente, pauta-se no consumismo contemporâneo, expondo críticas relativas ao materialismo e à “sociedade do espetáculo”. O jovem parece gostar de tais temáticas, tendo em vista que quase não nota quando sua refeição chega. No momento em que termina de se alimentar, direciona-se ao balcão de atendimento visando a comprar uma xícara de chá e pagar por toda alimentação. A atendente, após receber o pagamento, questiona se o moço poderia escrever um comentário sobre sua experiência no restaurante, como solicitava o cartaz presente na entrada deste. O rapaz recorda-se que, realmente, lera algo semelhante e concorda. “Poderia emprestar-me um lápis...digo, um giz?”, questiona ele. Ela ri em virtude do jocoso equívoco e entrega-lhe um giz e o papel no qual se registrava a conta. “Esse restaurante é tão familiar para mim quanto a combinação de cigarro e fósforo. Embora não seja minha primeira vez, será a última”, escrevera o rapaz.

Este enigmático homem retorna ao seu local de trabalho. Inicialmente, vai ao mictório do banheiro e higieniza suas mãos com a água fria da pia do sanitário para que, posteriormente, encare – novamente – a colossal pilha de papéis.

Às 22h30min, retorna à residência. O percurso é caracterizado pelo trânsito particular do horário de retorno de um numeroso contingente de trabalhadores. O moço aproveita para observar os arredores enquanto o carro não pode continuar o trajeto. De todos os acontecimentos que aconteciam, ele atentou-se a um táxi. Pensativo ficara. “Eras tu naquele dia.”, ele enuncia. Quem? Esse sujeito é... singular.

Chega em sua casa. Dirige-se à cozinha. Arruma a mesa colocando uma toalha. Senta-se na cadeira após pegar um copo, dois pratos, dois talheres, uma garrafa, um guardanapo e uma xícara. Ao terminar a ceia, encaminha-se ao banheiro, apanha sua escova de dentes e a pasta para efetivar a higiene bucal, finalizando o processo com água.

Depois desses comuns atos, conduz-se ao pequeno escritório existente em sua casa, no qual há uma ampla mesa e uma poltrona. Ele organiza os papéis do trabalho – tanto os de dias anteriores quanto os de hoje -, resolve alguns vieses via telefone e analisa alguns dados expostos em uma recente revista. Logo após, constata que precisa descartar um copo de papel presente no chão do aposento, os telefones interno e externo (danificados pelo tempo) e alguns papéis. O jovem, dessa forma, desfaz-se desses objetos.

Sem delonga, ele visualiza uma prova de anúncio. A melancolia volta. O que aconteceu nas semanas passadas? O rapaz pega caneta e papel e direciona-se ao telefone. Realiza o telefonema. “Alô?...Sim. Sou eu, o senhor dos papéis. Ainda estou interessado na proposta de emprego descrita na prova de anúncio...Sim. Estou com caneta e papel. Certo...Grato. Até.”. Assim que finaliza a ligação, ele direciona o olhar ao relógio - o qual indicava que eram 23h47min – e registra algumas informações (provavelmente, sobre a futura entrevista) em um papel. Guarda este em uma pasta e, em seguida, pega um cigarro, acende-o com um fósforo e fixa o olhar na maior pilha de papel existente em cima da mesa, ao lado de uma vetusta caneta.

Posteriormente, encaminha-se à garagem a fim de pegar seu paletó e sua gravata deixadas no carro.

Ele retorna à sala de estar depois de encher um copo com água -, senta-se na poltrona e apanha uma revista que estava em cima da pequena mesa presente no cômodo. Começa, então, a ler.

Aproveito esse momento, então, para descobrir o que há de tão comovente nos quadros do corredor. O que será? O que o fez lacrimejar? Assim que as minhas duas brechas negras visualizaram o que se encontrava neles, compreendi – parcialmente - o porquê de tanta bonança no que se refere ao presente dia. O fato de não ter recebido “chamado” algum, a razão que o motivara a afirmar que seria sua última vez naquele restaurante, a fundamentação por trás do comentário que fizera quando fixara o olhar no táxi...as peças estavam encaixando-se agora...

Então, isso significa que...

Exaspero-me. Desloco-me de maneira lépida à sala de estar, todavia, quando chego, observo apenas os pedaços do que eram, há alguns minutos, mesas e cadeiras. Dirijo-me à cozinha, há prato, talheres, copos e guardanapos espelhados pelo aposento. Xícaras estilhaçadas. Encaminho-me ao escritório, no qual, acima da poltrona, existe um livro. Entretanto, este não estava em cima daquela. O que está ocorrendo?

Quando o abro, sou transportado para o quarto. Vejo um televisor e outra poltrona. As abotoaduras, a camisa, os sapatos, as meias, a calça, a cueca, o pijama e os chinelos estão dispersos no chão. Assim que adentro o banheiro, logo após, percebo sangue no vaso, na descarga, na pia (cheia de água), na escova e no creme dental, assim como noto espuma espalhada no chão impregnado de água. Regresso ao quarto. Fito um ser tão caliginoso quanto eu. Aquele está calçando os chinelos do rapaz. Entretanto, onde ele está? O que aconteceu? Como não escutei – absolutamente – nenhum ruído de tamanha confusão?

“O homem é tu.”, proferira a criatura defronte a mim. Como ele sabia que me questionava acerca disso? Como ele pode saber e afirmar com tanta asseveração tal questão?

“Por ser quem sou, sei quem és. Agora, venha comigo. Teu último desejo está realizando-se.”, revelara ele.

Meu último desejo? Os quadros...o restaurante...o táxi...tudo isso...

Fixara meu olhar nas soturnas brechas dele. Elas eram iguais às minhas.

Direciono-me para o lado do mórbido ser, contudo, antes dele dizer aonde íamos, pediu para que eu olhasse para trás.

Fiz o que ele solicitara. Observei a coberta ensanguentada na cama, tal como o travesseiro coberto por sangue humano. Este, todavia, formava uma sentença: “Almejo envelhecer e contar minhas histórias, as quais não pude relatar... caso não consiga, tire-me a dádiva, mostre-me como ocorreu e faça-me seu poeta, querida...”.

Foi, desse modo, que sorri.

Aluna 4521 - Myllena - Turma 203

3º ANO

Inclusão digital

Os fenômenos de expansão das redes sociais no contexto virtual chamam atenção por sua velocidade de propagação, ao passo que geram diferentes impactos nos jovens que sofrem com a exclusão digital. Deste modo, convém afirmar que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) efetivou estudos demonstrando que 20,9% dos brasileiros não possuem internet em casa, tornando mais difícil o acesso aos meios tecnológicos, os quais são importantes no cenário contemporâneo, gerando prejuízos sociais, educacionais e até mesmo culturais.

Neste contexto, observa-se uma dependência da tecnologia e de seus recursos sendo que a falta dela demonstra uma grande desigualdade entre os jovens. É sabido que a internet abre uma imensa porta de acesso ao conhecimento e, sob esse panorama, observa-se que o não acesso às fontes tecnológicas causam uma baixa expectativa na busca por uma vida melhor, a exemplo de igualdade de condições à disputa por colocação no mercado de trabalho, bem como, melhor formação para essas pessoas que vivem na esperança de realizar seus sonhos, no instante em que fazem parte de uma sociedade excludente.

Destarte, um fator emergente que contribuiu para a preponderância da exclusão digital, sobretudo, de crianças e jovens no país, foi a necessidade de adequação aos moldes da educação a distância (EAD), cuja modalidade de ensino por meio de sistemas tecnológicos se tornou exclusivo no período da pandemia, sob a forma de ministração de aulas, realização de atividades estudantis, em contraponto com a limitação deste acesso aos conteúdos que se dão mediante a disponibilidade da internet, evidenciando a disparidade na socialização da educação.

Deste modo, faz-se necessário que o país direcione seus olhares para esta exclusão digital, revelando-se como uma das características da desigualdade social brasileira. Sendo assim, que o Ministério da Economia, em consonância com os Ministérios, da Educação, da Cidadania, bem como, da Ciência, Tecnologia e Inovações atuem por meio da criação e execução de projetos sobre

a expansão de conectividade no território brasileiro, medidas que representarão êxito na acessibilidade digital em escolas públicas, pelo uso de aparelhos atualizados, tais como computadores, *tablets* e internet segura, com vistas a consolidar a necessária inclusão digital.

Aluno 4969 - Leonardo Rosin - Turma 301

O dizer de um, precisa ser acionado pelo dizer do outro

O poema “Canto de regresso à pátria”, de Oswald de Andrade, é um texto que remete e critica o poema do romantismo “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias. O primeiro foi criado de modo a expressar o pensamento do autor após a leitura da obra de G. Dias, além de ter sido escrito décadas depois do último. Desta forma, percebe-se que nas esferas culturais e históricas o dizer de um precisa ser acionado pelo dizer do outro como forma de aprimorar o desenvolvimento intelectual reflexivo do indivíduo.

No contexto cultural, a representação do povo brasileiro na literatura foi um tópico que evoluiu conforme o passar das décadas. Inicialmente, existiu Peri, protagonista do romance *O Guarani*, de José de Alencar, que fora o “bom selvagem” e herói considerado representante dos brasileiros. Em segundo plano, observa-se *Macunaíma*, livro escrito por Mário de Andrade, obra que retrata um protagonista anti-herói, o qual é uma melhor representação do nativo do Brasil, além de apontar a miscigenação e criticar o “jeitinho brasileiro”. Diante do exposto, percebe-se que foi necessária a existência das obras de Alencar e outros escritores para que uma melhor reflexão, como a de Mário, fosse formada.

No contexto histórico, as influências iluministas no Brasil-Colônia do século XVIII resultaram em revoltas e marcaram o país. Nesta época, implodiu com a Revolução Francesa os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade que serviram como inspiração para os ideais da Conjuração Baiana, movimento emancipacionista, popular e abolicionista. Assim, depreende-se que os dizeres propagados pelos revolucionários franceses foram importantes para a evolução do pensamento colonial no Brasil, de forma que a atual Constituição do país, escrita em 1988 possui ideais iluministas.

Em suma, seja por inspiração ou contestação, a produção de ideias, propostas e obras deve ser instigada a partir de outras, para que haja evolução e desenvolvimento intelectual. Somente desta forma, é possível a inovação, a reforma e o progresso, características da natureza humana: “o homem é um ser que evolui”, disse o filósofo Nietzsche.

Aluna 4221 - Guttman - Turma 302

Por um mundo sustentável

Na obra cinematográfica *Não olhe para cima*, da produtora Netflix, boa parte da população global assiste omissa à destruição eminente do planeta por um meteorito sem, contudo, conseguir impedi-lo. Analogamente a esta situação, nos tempos hodiernos, o mundo enfrenta desafios reais, a exemplo da pobreza extrema e da degradação do meio ambiente. Todavia – como no filme citado – a indiferença da sociedade e dos governantes torna-se o principal obstáculo para – por meio da aplicação dos princípios do desenvolvimento sustentável – “salvar” a Terra.

Neste íterim, Francis Bacon – filósofo britânico do século XVII – afirmava que apenas obedecendo à natureza, o homem seria capaz de vencê-la. Entretanto, na atualidade, o mundo vive a quarta Revolução Industrial com o crescente esgotamento dos recursos naturais e as consequentes ameaças climáticas oriundas do uso excessivo de combustíveis fósseis. À medida que estes problemas se tornam mais alarmantes, a população mundial deve atingir os nove bilhões de indivíduos no ano de 2050. À vista disso, pode-se esperar o aumento das exigências sobre o meio ambiente que cada vez menos suporta as demandas da humanidade. Afinal, surge uma pergunta: como poderão os homens lidarem com estes óbices sem prejudicar a economia global, fato que, inclusive, seria capaz de elevar os níveis de extrema pobreza?

Deste modo, deve-se pensar no tripé da sustentabilidade, englobando as áreas, social, ambiental e econômica. Na década de 1970, o ecologista português Gonçalo Ribeiro Teles demonstrou grande pioneirismo neste setor, por meio da criação de várias reservas florestais e parques urbanos em Portugal, além do apoio às fontes de energia renováveis, medidas que trouxeram vantagens não apenas para a natureza como, inclusive, para a economia do país. Defensor do princípio da subsidiariedade, este imortal arquiteto também propunha que as mudanças devem ter origem, sempre, no próprio indivíduo, como participante ativo da sociedade civil. No entanto, segundo pesquisas do Instituto Akatu, 76% dos brasileiros não praticam o consumo consciente por acreditarem que a sua

própria ação não influenciará negativamente nesta situação. De fato, em uma sociedade industrial movida pelo consumismo, triunfa a solidariedade orgânica descrita pelo sociólogo Émile Durkheim, na qual as pessoas inferiorizam o consenso social a favor de si mesmos.

Em vista do exposto, torna-se imperioso que o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente – Organização internacional responsável pela promoção do desenvolvimento sustentável – fomente maiores parcerias com os diversos países, exigindo o cumprimento da Agenda 2030 da ONU. Ademais, urge que esta mesma entidade apresente mais campanhas nas mídias sociais – importantes agentes propagadores de informação – que conscientizem a população acerca de sua função nesse processo. Deste modo, será viável a construção de um planeta regrado pela sustentabilidade, para que este não tenha um fim tão trágico como o de *Não Olhe Para Cima*.

Aluno 4228 - João Marcelo - 303

Educação para o desenvolvimento do país

Com a vinda da Família Real para o Brasil, no ano de 1808, o país apresentou inovações na seara educacional em seu processo civilizatório, de modo que esta era apenas acessível às elites. Apesar de uma maior democratização do acesso ao ensino ocorrida nos últimos dois séculos, o fenômeno da pandemia da COVID-19 gerou declínios nestas conquistas, ficando a educação a distância restrita a poucas instituições que dispuseram de recursos para aplicá-la. Novamente, as chagas da desigualdade educacional parecem expostas em terras brasileiras, afetando mormente os jovens oriundos de famílias com baixa renda e elevando os altos índices de evasão escolar.

Deste modo, segundo dados da UNICEF, cerca de quatro milhões de estudantes brasileiros do ensino fundamental ficaram sem nenhum acesso às atividades escolares durante a pandemia do coronavírus. Quando da retomada das aulas presenciais, uma boa parcela destes jovens optou por não comparecer às escolas, e a maioria afirmou desinteresse no retorno aos estudos. Em grande parte, estes educandos são provenientes do sistema público de ensino, o qual, no Brasil, demonstra-se defasado. Este fator, inclusive, juntamente com o descaso das autoridades, não logrou êxito diante das dificuldades impostas pela pandemia, faltando mecanismos que garantissem a modalidade remota de estudo para os discentes, bem como, treinamentos para os docentes se adaptarem às novas realidades.

Neste íterim, a Constituição Federal, em seu artigo 6º, bem como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, afirmam ser a educação um direito de todo cidadão brasileiro. Entretanto, apesar de o texto respeitar os princípios do Contrato Social de John Locke, este bem estar praticamente não é proporcionado a boa parte da população. Mesmo em tempos de pandemia, portanto, torna-se obrigação do Estado garantir o acesso à escolarização, inclusive por meio da educação a distância, a qual, todavia, não foi aplicada efetivamente na maioria das escolas da rede pública, desestimulando, por conseguinte, os estudos de inúmeros jovens. De

fato, a omissão do Estado e o desinteresse da população por este tema agravam este cenário. Isto ocorre de modo a confirmar a tese do sociólogo positivista Émile Durkheim, o qual afirmava o fato de as sociedades industriais seguirem a solidariedade orgânica, onde o consenso social é inferior à noção de individualismo.

Em vista do exposto, torna-se imperioso que o Ministério da Educação – órgão responsável por organizar o sistema de ensino no país – realize reformas no sistema educacional brasileiro, modernizando-o e adaptando-o às novas realidades. Além disso, urge a conscientização da população – por meio de campanhas socioeducativas, acerca deste óbice, visando que os jovens sejam estimulados a retomarem ou continuarem os seus estudos. Logo, somente por meio da educação será possível que o país avance rumo ao desenvolvimento.

Aluno 5048 - Gabriel Medeiros - Turma 304

Problemas de mobilidade urbana no Brasil

De acordo com pesquisa realizada pela empresa 99, o brasileiro gasta, em média, 127 minutos diários no trânsito. Esse dado revela a precariedade da mobilidade urbana no país, marcada pelos engarrafamentos e por tempo excessivo gasto de locomoção nas cidades. Os problemas de deslocamento no Brasil são consequência de processos históricos e sociais. Em tal contexto, cabe analisar o panorama escravista após a abolição, em 1888: sem ter para onde ir, a população que em tese, deixou de ser “escravizada”, fixou-se longe dos centros urbanos, iniciando desde então o processo de favelização no país.

Atualmente, os habitantes dos subúrbios, precisam, no cotidiano, percorrer grandes distâncias de volta ao centro, onde está localizada boa parte dos seus empregos e serviços. Além disso, ônibus lotados que demoram a chegar nos respectivos pontos são um incentivo para que as pessoas com uma melhor condição financeira utilizem veículos próprios, aumentando o fluxo nas ruas e avenidas.

Nesse sentido, as autoridades públicas falham também ao deixarem de investir predominantemente na melhoria do transporte urbano, ao passo que mantêm em segundo plano os metrô e trens, meios de mobilidade mais eficientes. Ainda se faz importante mencionar acerca das restritas e inchadas vias de escoamento, as quais não comportam o fluxo de veículos diário, culminando em lentidão no trânsito, acessos de má qualidade, os quais impõem dificuldades à locomoção dos usuários.

Sendo assim, cabe ao Estado alocar mais recursos no aperfeiçoamento do sistema público de mobilidade urbana, dando prioridade à malha ferroviária e dispondo de maior conforto aos usuários do transporte coletivo. Caso isso seja feito, mais pessoas poderão passar a utilizar o serviço estatal no instante em que este comportará mais passageiros ao mesmo tempo.

Tudo em excesso faz mal

Desde os avanços tecnológicos, os aparelhos eletrônicos, especialmente celulares, tablets e computadores, estão presentes na vida dos cidadãos. Contudo, com o advento da pandemia do covid - 19, os mesmos se tornaram mais vigentes e essenciais para os afazeres do dia a dia. Logo, fica evidente que o número de pessoas presas e dependentes de dispositivos digitais teve um aumento significativo. Não é raro ver tantos adultos quanto crianças ligadas em seus celulares ou computadores por mais tempo que o recomendado por médicos.

Durante uma pesquisa da empresa App Annie, constatou-se que o Brasil domina o ranking de países que usam mais smartphones, com uma média de 5,8 horas em 2021. Um aumento significativo de 2, comparado ao ano de 2019 com uma média de 3,8. Além da sua média ser maior do que a dos Estados Unidos e Japão. Sendo assim, há o que se discutir sobre os fatores e os riscos dessa exposição. Na atualidade, o uso de eletrônicos deixou de ser apenas uma forma de descontrair, e passou a ser meios de desenvolver trabalhos e tarefas do dia a dia. A maioria das pessoas usa seus dispositivos para trabalhar, estudar, fazer organização financeira e diária. Logo, a maioria dos afazeres exige horas em frente a telas diariamente.

É importante destacar que especialistas apontam que ficar muito tempo preso nos aparelhos é prejudicial para a saúde. Certos problemas como ansiedade, insônia, dores musculares, dores de cabeça, perda de concentração e problemas na visão começam a aparecer aos poucos e exigirão cuidados médicos. Como as crianças são expostas mais cedo, os riscos de desenvolverem tais problemas no futuro são considerados maiores.

A tecnologia facilitou a vida de muitas pessoas e possibilitou diferentes interações, porém a famosa frase “tudo em excesso faz mal” se encaixa nessa questão e permite uma reflexão. Logo, para se evitar consequências ruins, é preciso uma atenção maior no uso constante dos aparelhos eletrônicos, é necessária uma moderação e intercalação de horas para o uso dos dispositivos, buscando separar um tempo para tarefas ao ar livre e afazeres sem o uso da internet.

Aluna 4417 - Daniele Costa - Turma 301

Go vegan!? Por que não?

Em tantos meios, entre eles principalmente na internet, tem sido possível notar uma crescente onda de conteúdos relacionados ao veganismo, sejam vídeos informativos, a foto de alguma receita, divulgação de um novo estabelecimento especializado, ou até mesmo alguma publicidade apelativa que tenta associar alguma marca de cosméticos a conceitos naturalistas e ao estilo de vida vegano, o que por muitas vezes pode gerar uma distorção do que isto é de fato.

Para que se possa começar uma reflexão acerca do assunto é necessário entender algumas ideias básicas, como por exemplo saber diferenciar o veganismo do vegetarianismo e ovolactovegetarianismo. Este último define-se apenas como uma dieta, assim como qualquer outra, onde a pessoa exclui de sua alimentação qualquer tipo de carne, incluindo embutidos e frutos do mar; já o vegetarianismo também é uma dieta, no entanto, um pouco mais restritiva, na qual a pessoa exclui de sua alimentação tudo aquilo que tenha alguma origem animal, como leite, ovos e mel. Não se pode negar que muitos adeptos dessas práticas são aliados à causa vegana, mas por quaisquer que sejam os motivos ainda não conseguem aplicá-las por completo em suas vidas. Esta por sua vez baseia-se em um modo de viver que busca excluir na medida do possível e do praticável todas as formas de exploração e crueldade contra os animais, seja na alimentação, no vestuário ou em qualquer outra forma de consumo, segundo a definição estabelecida pela Vegan Society.

Mas afinal de contas, o que levaria alguém a ser vegano? O site “Vista-se” nos dá alguma ideia dos inúmeros benefícios que podem ser agregados em nossa sociedade, como por exemplo a empatia com os animais, seja por conta dos horrores da pecuária, testes de produtos ou o uso deles como forma de entretenimento; também podemos citar a proteção ao meio ambiente, uma vez que a pecuária tem causado danos gigantescos à natureza. Um outro motivo um pouco menos conhecido é a utilização do veganismo como manobra política, uma vez que implica diretamente em questões trabalhistas

das classes menos favorecidas. Já para aqueles menos altruístas, podemos dizer que também se trata de uma questão de saúde, principalmente no que tange à prevenção de câncer e colesterol alto, além de gerar consumo consciente e um aprimoramento do paladar causado pela mudança dos hábitos alimentares.

Ao contrário do que muitos pensam, o veganismo não é nada complicado, apesar dos diversos estudos relacionados à essa ideologia, ela é acima de tudo algo prático a ser aplicado e que vem adquirindo cada vez mais adeptos no mundo inteiro, principalmente por suprir as grandes e recentes demandas sociais geradas nos últimos anos. Será o veganismo o novo modo de vida do século XXI?

Aluna 4853 - Mariana Gomes - Turma 303

TEXTO DE DESPEDIDA DO CORONEL ALUNO

O fim de uma guerra

O amor é possivelmente a única força capaz de fazer frente ao tempo. Capaz de resistir a esse titã, eterno e imparável, que levou embora em sua correnteza a infância de alguns meninos e meninas que, sem perceberem, se viram na iminência da vida adulta. O amor permitiu que essas crianças fossem, juntas, felizes, mesmo enquanto enfrentavam as maiores provações que seu rival pudesse trazer: a derrota; o coração partido; a ansiedade; a adolescência.

Suponho que essa batalha teve início em algum ponto desses anos, mas não posso afirmar com precisão, pois devo confessar-lhes: tenho uma memória de peixe. Não lembro direito de quando entramos pelo Portão das Armas, ou quando recebemos as boinass-garanga, de quando nos tornamos, de fato, alunos do CMS. Parece que, simplesmente, sempre foi assim. Não que não me lembre de ser criança aqui, de conviver em uma família que sempre se recusou a se dividir em três ou quatro salas, de ser guiado por mentores dignos do nome de Sócrates. É que o amor dentro de tudo isso mascarou o maquiavélico tempo e não permitiu que víssemos em cada acontecimento o peso que trazia de um dia se tornar passado: era apenas mais um dos tantos porvires. Éramos cegos.

Em meio a essa cegueira, entretanto, construímos, cada um, uma estrada feita dos mais diferentes tipos de rocha-matriz que encontramos em nossa frente, arquitetada com todo tipo de conhecimento que nos cabia agarrar, fosse em sala de aula, nas quadras, na convivência diária. Existe, aí, uma questão importante: “O que eu sei, todos podem saber; meu coração, porém, só a mim pertence”. Não foi o saber que nos tornou fortes, que traçou nosso caminho à glória, foram nossos corações. Cada um deles, particularmente complexo e sensível, se fortaleceu em harmonia com seus irmãos, e, com essa força, podemos agora encarar o mundo, tornarmo-nos a vanguarda, líderes, apaixonados pioneiros.

Eis, então, que o tempo tenta seu golpe final: enche-nos de nostalgia. E choramos, sim, porque a percepção de que aqueles acontecimentos de fato viraram passado é dolorosa. Porém, como disse, agora somos fortes, e as memórias tornam-se cobertas de

amor, o grande vencedor da guerra. E ele continuará vencendo, pois cada um dos cotonetes que chegarem, sem perceber, irão cultivá-lo como a mais preciosa das flores, regando-o dia a dia.

Chegou nosso momento, boinas ao ar, túnica no corpo. Virão outros depois de nós, assim como vieram antes, mas é justamente isso que é belo: para cada turma que se vai, se é especial perante o todo. E também o somos. Bradem mais uma vez, e olhem para o céu: a lua está linda, e as estrelas também.

Aluno 4218 - Davi Pires - Turma 302

ANTOLOGIA DOS ALUNOS DO COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR



2022

ANTOLOGIA ESCOLAR 2022